



CRB

Quadro Programático da CRB 2010-2013

HORIZONTE

Em meio aos grandes desafios do mundo complexo e plural, da realidade da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada, a Palavra de Deus nos impulsiona a avançar com os “olhos fixos em Jesus” (Hb 12,1-3), movidos/as pelo Espírito que o consagrou e enviou a anunciar a Boa-Nova (Lc 4,18). Provocados/as por uma nuvem de testemunhas (Hb 12,1), reafirmamos nossa identidade místico-profética e reavivamos a paixão pelo Reino, defendendo e promovendo a vida, assumindo a causa dos empobrecidos e construindo relações humanas, fraternas e solidárias.

PRIORIDADES

1. Redescobrir o sentido profundo da VRC, revitalizando a paixão por Jesus e seu Reino mediante a escuta da Palavra de Deus, a oração encarnada, a contemplação sapiencial da realidade, o compromisso discipular-missionário, a convivência como irmãos e irmãs e a comunhão com toda a criação.
2. Avivar a dimensão profético-missionária da VRC, atuando nas novas periferias e fronteiras, intensificando a opção pelos empobrecidos, e fortalecendo o compromisso com as grandes causas sociais, econômicas, políticas e ambientais.
3. Qualificar as relações na VRC e em seu espaço de inserção, em diálogo com as diferenças pessoais, culturais, étnicas, religiosas, geracionais e de gênero.
4. Ampliar o diálogo com as novas gerações em seus anseios e inquietações, e buscar novas metodologias para a animação vocacional.
5. Aprofundar o conhecimento da realidade juvenil e intensificar a presença e ação junto às juventudes.
6. Buscar maior leveza e agilidade institucional da VRC e ampliar as fronteiras congregacionais por meio da intercongregacionalidade, da partilha do carisma com outras pessoas e grupos de redes e parcerias.

MARÇO 2012 • XLVII • nº 449



- Na saúde e na doença
- A res-significação da formação permanente
- A representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa
- A arte do bem acolher
- A internet faz mal à Vida Religiosa?

CONVERGÊNCIA

MARÇO 2012 • XLVII • nº 449

CONVERGÊNCIA

Sumário

Editorial

Na saúde, na doença, na loucura da cruz! 105

Mensagem

A arte do bem acolher
ILSE CAROLINA RIGO..... 109

Informes

Ressonâncias do I Seminário de Formação Inicial Internacional, na Argentina
ADALTO LUIZ CHITOLINA 112

Pastoral Escolar Damas, uma experiência de evangelização para os novos tempos
FLÁVIA MATIAS DE QUEIROZ 116

Arte e Cultura

A internet faz mal à Vida Religiosa?
PLUTARCO ALMEIDA..... 129

Artigos

Na saúde e na doença
LUÍS STADELMANN 136

A re-significação da formação permanente, a identidade presbiteral
e a identidade do religioso presbítero
JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO 155

A representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa: uma reflexão
provocadora no mundo contemporâneo
MARIA ELIANE AZEVEDO DA SILVA..... 165



CONVERGÊNCIA

Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

DIRETORA RESPONSÁVEL

Ir. Márian Ambrosio, dp

REDATOR RESPONSÁVEL

Pe. Plutarco Almeida, sj
MTb 2122

CONSELHO EDITORIAL:

Ir. Helena Teresinha Rech, sst
Ir. Vera Ivanise Bombonato, fsp
Pe. Cleto Caliman, sdb
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Roberto Duarte Rosalino, cmf

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507
Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Projeto gráfico:

Manuel Rebelato Miramontes

Revisão:

Cirano Dias Pelin e Sandra Sinzato

Impressão:

Gráfica de Paulinas Editora

Ilustração da capa:

Ir. Anderson Augusto de Souza Pereira, msc

Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Assinatura anual para 2012: Brasil: R\$ 89,00
Exterior: US\$ 89,00 ou correspondente em R\$ (reais)
Números avulsos: R\$ 8,90 ou US\$ 8,90

ASSINATURAS 2012

1) Novo preço: Brasil: R\$ 89,00 – Exterior: US\$ 89

Um pouco depois do início de 2011 os nossos custos (gráfica, transporte, correios etc.) tiveram um expressivo aumento. Contudo, a CRB resolveu não aumentar o preço da revista e assumiu o impacto desses custos.

Para 2012, entretanto, faz-se necessário um reajuste mínimo a fim de que possamos, por um lado, continuar a merecer o apoio dos nossos assinantes e, por outro, cobrir as despesas da Convergência.

2) Quando e como renovar a assinatura?

A maioria das assinaturas já venceu em 31 de dezembro de 2011. Portanto, é preciso renovar o quanto antes! Caso haja dúvida, por favor, entre logo em contato conosco, pelo e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>.

A renovação pode ser feita de dois modos:

- Através do site <crbnacional.org.br>, no link “Revista Convergência”, colocando o CNPJ ou CPF, imprimindo o boleto e pagando no banco.
- Via depósito bancário direto (BANCO DO BRASIL, AG 1230-0, C/C 306.934-6). É necessário depois passar por fax ou e-mail o comprovante devidamente identificado.

Atenção!

*Ao acessar a nossa página na internet, se a sua Congregação/Ordem/Instituto possui várias casas/obras com o mesmo CNPJ, é necessário conhecer o **código de assinante**. Este código vem impresso todo mês na etiqueta do envelope da revista.*

*Por favor, **GRAVE-O!** Isto vai facilitar o nosso relacionamento depois.*

3) Novas assinaturas

Envie os dados completos (Congregação/Ordem/Instituto, endereço, CNPJ ou CPF, telefone etc.) para o e-mail <convergencia@crbnacional.org.br>. Em seguida, mandaremos o boleto para pagamento.

Observação: para adiantar o processo, faça o depósito na conta-corrente mencionada acima e mande, via fax ou e-mail, o comprovante juntamente com os dados completos.

Na saúde, na doença, na loucura da cruz!

105

EDITORIAL

Para a Vida Religiosa no Brasil, o ano de 2012 começou muito bem, louvado seja Deus! No último mês de fevereiro, a CRB Nacional reuniu no Centro de Espiritualidade de Itaici, em Campinas, São Paulo, mais de trezentos superiores(as) maiores, representando dezenas de Congregações e Institutos de todos os cantos do País. O tema “VRC, a loucura que Deus escolheu para confundir o mundo” (cf. 1Cor 1,27), de fato, sensibilizou (empolgou seria a palavra mais certa) todas as pessoas que participaram do evento, e com certeza haverá de produzir bons frutos daqui para frente em termos de revitalização e de fortalecimento das nossas comunidades religiosas, no sentido de um compromisso mais radical com a Boa-Nova de Jesus.

E já que estamos falando em revitalização e fortalecimento, é sempre bom lembrar que uma das características principais, e que por isso mesmo não deveria faltar em qualquer casa, é justamente a acolhida fraterna. Como é bom chegarmos, de longe ou de perto, e sermos recebidos de braços abertos, com alegria, com simplicidade e com verdadeira generosidade, não é mesmo? Pois bem, a Irmã Ilse Carolina Rigo, que foi assessora da CRB em Brasília até o final do ano passado, escreve uma linda mensagem acerca do tema. E ela não fala de teorias, mas a partir de sua prática, uma vez que na Sede Nacional da CRB sua função, dentre outras, era justamente a de acolher todos os dias os(as) religiosos(as) que por lá passavam por vários motivos. A Irmã Ilse o nosso abraço de agradecimento, não só pela mensagem que estamos publicando na *Convergência*, mas, sobretudo, pelo

imenso amor, sempre recheado de sorrisos, com que acolheu as pessoas na CRB Nacional.

Em seguida, o Padre Adalto Luiz Chitolina, dehoniano, membro da nossa Equipe de Reflexão Psicológica, traz para os leitores da revista um resumo do I Seminário de Formação Inicial Internacional, que aconteceu na Argentina quase no final de 2011. Esse encontro foi uma etapa importante no processo de consolidação do projeto de formação inicial para a VRC, que pretende contemplar os países da América Latina com todas as suas riquezas culturais, tendo em vista uma maior intercongregacionalidade e a busca da leveza institucional.

O outro informe vem de Recife, Pernambuco, e mostra a experiência pastoral das religiosas Damas da Instrução Cristã na evangelização dos seus jovens alunos. Trata-se de um projeto muito bem elaborado, e que tem apresentado resultados concretos e extremamente consoladores. Acreditamos que a partilha dessa experiência pastoral-educativa poderá ajudar outros(as) religiosos(as) que também trabalham em colégios, sejam eles públicos, sejam privados, na difícil missão de evangelizar as juventudes no tempo de hoje.

A seção “Arte & Cultura” deste mês traz mais uma vez um tema relativo à cultura contemporânea: aborda a questão do uso da internet na VRC, de modo particular nas Casas de Formação. Talvez os(as) formadores(as) possam discutir o artigo com os(as) seus(suas) formandos(as), tentando, quem sabe, inaugurar e/ou consolidar um processo de verdadeiro discernimento comunitário, algo mais do que necessário hoje em dia, diga-se de passagem.

Como ainda estamos sob a inspiração do tema da Campanha da Fraternidade 2012, o primeiro artigo da *Convergência* traz uma outra reflexão a respeito da saúde. Pedimos ao Padre Luís Stadelmann, jesuíta, profundo conhecedor do Antigo Testamento, que escrevesse algo sobre a importância do assunto para o homem e a mulher da Bíblia. Tendo por base o Livro de Jó, Stadelmann discute a relação doença-sofrimento-saúde-fé-religiosidade, tirando algumas conclusões bastante interessantes:

O livro de Jó tem uma novidade a oferecer na abordagem da teologia bíblica que serve de base da pastoral dos enfermos. Coloca no pelourinho da crítica da experiência humana todo o sofrimento dos enfermos, dos seus familiares e dos agentes de pastoral que se solidarizam com os oprimidos pela doença.

O artigo que vem em seguida tem como título “A re-significação da formação permanente, a identidade presbiteral e a identidade do religioso presbítero”, de autoria do Padre João da Silva Mendonça Filho, religioso salesiano.

A partir da consagrada expressão do número 44 do *Documento de Aparecida*, “vivemos uma mudança de época”, com a supervalorização do indivíduo, do estético, do consumo e dos direitos individuais e subjetivos (cf. *DAp*, nn. 45-47), o Padre João, que também é pároco em Manaus, Amazonas, faz uma análise muito pertinente acerca da identidade do religioso presbítero e da formação permanente: “A pergunta, então, é a seguinte: *o que isso tem a ver com nossa identidade de religiosos presbíteros e nossa identidade, enquanto presbíteros, com a formação permanente?*”.

De fato, acreditamos que o assunto, raramente abordado, merece uma atenção especial, sobretudo por parte dos religiosos presbíteros, que em sua missão pastoral convivem com sacerdotes seculares, especialmente nas paróquias, e nem sempre vivem/testemunham sua identidade específica enquanto religiosos.

Finalmente, brindamos os(as) nossos(as) leitores(as) com mais um texto apresentado e discutido no V Congresso de Psicologia, realizado pela CRB em outubro de 2011: “A representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa: uma reflexão provocadora no mundo contemporâneo” é o título do trabalho de Maria Eliane Azevedo da Silva, religiosa Missionária do Sagrado Coração de Jesus, psicóloga, pedagoga e mestre em Educação.

Partindo de uma reflexão inicial sobre as palavras “tradição”, “mudança”, “inovação”, “transformação”, “comprometimento” e “empreendedorismo”, a autora estuda a

questão geracional, tema do nosso Congresso de Psicologia, e cuja discussão, de fato, já faz parte do dia a dia da VRC.

“Quem é o ser humano? Qual é a nossa consciência geracional? Como fazer a travessia da vida entre as diferentes relações e gerações no mundo contemporâneo?” Com essas perguntas a Irmã Maria Eliane Azevedo da Silva convida o(a) leitor(a) da *Convergência* a mergulhar no tema do chamado “conflito de gerações” em busca de relações menos tensas e mais fraternas na Vida Religiosa. Temos certeza de que, ao final da leitura do artigo, pelo menos algumas pistas ou indicações positivas poderão ser encontradas.

Para terminar, queremos chamar a atenção para a diversidade de lugares de onde chegam as matérias da presente edição: Brasília, Buenos Aires, Recife, Manaus, Florianópolis... Isso apenas ratifica o nosso propósito de fazer da *Convergência* uma revista cada vez mais pluralista, aberta às contribuições de quem reflete sobre a VRC em todos os seus aspectos, a partir dos mais variados contextos culturais.

Desejamos de todo coração que você, amigo(a) leitor(a), faça bom proveito destas páginas.

ILSE CAROLINA RIGO, ICM*

O êxito da acolhida provém da relação das pessoas envolvidas: a que chega, sua realidade, perspectivas, necessidades... e a pessoa que tem por missão o serviço da acolhida. Comporta a alegria de quem visita e de quem é visitado(a).

Acolher é uma arte ao mesmo tempo simples e complexa, porque depende das condições e dons experienciados, tanto nas circunstâncias normais como nas inusitadas situações da vida.

Essencial é assumir a ação de acolher as pessoas como *serviço-missão*, do jeito de Jesus, que “não veio para ser servido, mas para servir [...]”¹ Isso é determinante, porque imprime à ação um espírito de benevolência, generosidade, gratuidade e alegria, percebidas imediatamente por quem chega. Acolher bem não depende apenas de uma aparência adequada, mas da atenção dada à pessoa, da prontidão em direcionar o olhar a quem está expondo o motivo da vinda. É importante ter consciência de que ninguém chega a uma Instituição sem objetivo.

O primeiro e fundamental passo ao acolhimento é permitir que a pessoa exponha a que veio, consentir que ela expresse com quem deseja falar ou com qual *setor* necessita comunicar-se. Um segundo passo é acompanhar a pessoa até o local onde será atendida. Esse gesto, embora muito simples, proporciona segurança e objetividade à acolhida.

Outro passo fundamental é ter disponíveis as principais informações da Instituição, tê-las ao alcance dos olhos,

* **Ilse Carolina Rigo** é religiosa da Congregação das Irmãs do Imaculado Coração de Maria (ICM) e trabalhou como assessora executiva da CRB Nacional (2009-2011). Atualmente, é secretária da Província de Porto Alegre de sua Congregação.
Endereço da autora: Rua Duque de Caxias, 648, apto. 101-102, CEP 90010-280, Porto Alegre-RS. E-mail: ilserigo@cpovo.net.

1. Mc 10,45.

de preferência memorizadas, com a finalidade de agilizar a resposta, especialmente se a consulta for via telefone. Caso não seja possível resolver logo a questão, é de bom tom solicitar novo contato, prevendo um tempo razoável para a pesquisa, ou dispor-se a dar retorno via telefone, e-mail...

Contemplando o Evangelho, encontramos atitudes perfeitas de acolhida.

Já para a entrada de Jesus na história humana o anjo Gabriel aproxima-se da Jovem de Nazaré e exclama: “Alegra-te, Maria, tu és cheia de graça!”. Ela acolhe Jesus com um “sim” generoso,² possibilitando a efetivação de sua missão salvífica. Na sequência, ao ouvir a saudação de Maria, a prima Isabel, cheia do Espírito Santo, exclama: “Bendita és tu entre as mulheres”.³

O próprio Jesus é o protótipo do *acolhedor*. Antes mesmo de ser interpelado por João e André, dirige-se a eles: “Que procurais?”. Ouve o que desejam e diz-lhes: “Vinde e vede”.⁴ A abertura de Jesus foi determinante para a plena adesão de ambos a ele. Decisivo no discipulado foi também o primeiro olhar de Jesus a Pedro: “Tu és Simão, filho de João. Tu te chamarás Cefas!”,⁵ indicando desde logo e de forma direta sua missão na Igreja.

A pessoa que acolhe pode complementar uma informação, desafiando a outra a partilhar de seu próprio saber. Jesus atuou dessa forma com a mulher samaritana,⁶ ao encetar o diálogo da autorrevelação na ação evangelizadora.

Jesus toma a iniciativa no encontro com as pessoas em dificuldade, prontifica-se a ouvir sua história, encaminha a solução, incentivando-as a contribuir para a solução.⁷

Jesus respeita as diferentes formas de ser acolhido por Marta e Maria e presta atenção na caminhada de cada uma no momento da necessidade.⁸

A acolhida de Jesus às crianças é bem especial. Ele compara quem as recebe como os que recebem a ele próprio e a quem o enviou.⁹

2. Lc 1,26-38.

3. Lc 1,42.

4. Jo 1,38-39.

5. Jo 1,42.

6. Jo 4,7.

7. Jo 5,3-9.

8. Jo 11,1-44.

9. Mc 9,36-37.

Na descrição do juízo final,¹⁰ Jesus identifica-se com o menor dos seus irmãos acolhido na casa.

Mesmo que seja distinta a forma peculiar de receber, o certo é que, tendo os “olhos fixos em Jesus”,¹¹ somos constantemente instigados(as) a crescer na espiritualidade do acolhimento. Isso é obra de Deus, e é maravilhosa aos nossos olhos.

10. Mt 25,38.40.

11. Hb 12,2.

Ressonâncias do I Seminário de Formação Inicial Internacional, na Argentina

ADALTO LUIZ CHITOLINA, SCJ*

Éramos quase noventa. Ou, talvez, um pouco mais de noventa. Vínhamos de diferentes países do Cone Sul – Argentina, Uruguai, Paraguai, Chile, Brasil –, e convidados da Bolívia e do Peru.

Dizer que foi uma experiência de Pentecostes seria redundância. O que vivemos em San Miguel, naquela semana, foi algo muito profundo, se considerarmos a formação inicial que está acontecendo no Cone Sul. Questionamentos, dúvidas, interrogações, testemunhos, depoimentos, reflexões e alguns posicionamentos permearam os vários espaços físicos e temporais que ocupamos naquela casa de retiros, de 7 a 11 de novembro de 2011.

Embora alguns desencontros linguísticos (espanhol e português nem sempre coincidem em todos os termos), pode-se dizer que o I Seminário de Formação Inicial Internacional – ECOSUR foi uma grande riqueza.

Talvez o termo mais impactante que surgiu, e sobre o qual se refletiu longamente, tenha sido o binômio “desconstrução–construção”. Sem medo ou preconceitos, como um grande pano, aos poucos, foi sendo tecido o grande cenário da formação inicial que se vislumbra para um futuro não muito distante. É preciso desconstruir o que está enrijecido pelo tempo, para construir algo mais flexível e não menos significativo. As estruturas que dificultam o processo formativo e arrastam o peso institucional devem ser revistas para abrir espaço para um novo que quer nascer. Claro, com as dores que isso possa implicar e as consequências que surgirão. Fato é que o tempo urge, pois o que “solidamente

* **Adalto Luiz Chitolina** é padre dehoniano, psicólogo e formador, membro da Equipe de Reflexão Psicológica (ERP) da CRB Nacional. Participou do seminário.

Endereço do

autor: Rua Padre Dehon, 814, Bairro Vila Hauer, CEP 81630-090, Curitiba-PR.

está construído” já não responde mais, como se falou longamente no seminário.

A interculturalidade foi o tema principal do evento. O fato, já evidente e incontestado, de que a formação inicial da Vida Religiosa no Cone Sul vai acontecendo em cenários culturais diversificados leva-nos a repensar a uniculturalidade; já não é mais possível que toda a formação aconteça apenas no país de origem do formando. A realidade impõe-se e precisamos unir forças para caminhar numa única direção. O que se vê hoje é que diferentes etapas do caminho formativo vão acontecendo em diferentes países, com formandos provindos de países também diferentes. Nesse contexto, dá-se a interculturalidade, e sobre isso o I Seminário de Formação Inicial Internacional quis debruçar-se.

Muito mais do que compreender e falar a língua do país para onde se vai, interculturalidade compreende outros passos específicos a serem respeitados e valorizados. Cada país tem uma cultura própria e cada formando traz consigo a sua cultura (que compreende, além de tudo, também a cultura do seu próprio país). Compreender e respeitar isso no âmbito formativo torna-se um desafio. Interculturalidade é mais do que música, dança, folclore, comida, filmes, tradições e inculturação. É deixar-se permear por aquilo que o outro é e traz, valorizando-o sem perder o que também nos é próprio. É respeitar o vivido de cada um sem sobrepor algo (cultura dominante \times cultura dominada), mas com a consciência de que, por vezes, é preciso também cristianizar a cultura do indivíduo, isto é, há valores evangélicos que estão acima da cultura de cada um. Claro, sem esquecer que interculturalidade é um lugar de expressão de si mesmo.

Ficou evidente para os participantes do seminário que a interculturalidade é um *dado de fato*. A questão que se põe agora é criar uma *política* de interculturalidade que envolva a todos os interessados, sem esquecer que existem diferentes (tipos de) culturas: país, Congregação, província, Vida Religiosa, Igreja... Impactou-nos ouvir o depoimento de uma jovem juniorista que passou pela experiência da formação internacional, quando nos disse que a sua maior

dificuldade não foi com a cultura das colegas que estavam na mesma etapa de formação nem o fato de estar em outro país, mas com a cultura da Vida Religiosa... Talvez nem nos tivéssemos dado conta de que a Vida Religiosa Consagrada tem também a sua cultura própria (horários, esquemas, preceitos, exigências, modos de expressar-se, modo de rezar etc.)!

Um outro depoimento que nos impressionou, a todos, agora de um jovem religioso que também fez a experiência de sua formação em outro país, disse respeito à intergeracionalidade. Sua postura fez-nos ver que, enquanto nós, formadores e superiores, estamos preocupados com a interculturalidade na formação, o foco pode estar em outra problemática, que é a convivência entre religiosos de diferentes gerações.

Provocados pelas intervenções dos dois iluminadores do seminário (Mary Carmen e Ezequiel), fomos levados a discutir também sobre os constructos (paradigmas) já estabelecidos. Há constructos pessoais, comunitários, provinciais, congregacionais etc. que podem e precisam ser revistos. Nesse contexto, emergiram, então, outros dois termos fortes: o *essencial* e o *circunstancial*. Na Vida Religiosa Consagrada, há questões que são essenciais, mas outras que são apenas circunstanciais. Não podemos perder de vista o essencial, era a insistência forte! Para tanto, parece ser necessário mudar o constructo do que seja de fato a Vida Religiosa (com tudo o que lhe é decorrente: formação, inserção, presença nas novas mídias, testemunho de Igreja etc.). Nessa mesma direção, sempre provocados pelos iluminadores, dois outros termos surgiram: *Tradição e Transmissão*. Com a inevitável pergunta sobre o que estamos transmitindo aos jovens, hoje, na Vida Religiosa. Aqui, retomou-se o tema do essencial e do circunstancial.

Bem, essas foram algumas das muitas provocações que ouvimos e vivemos durante a semana de 7 a 11 de novembro na Argentina. Claro que todos gostaríamos de ter respostas e, quiçá alguns, receitas..., mas não as obtivemos! Contudo,

é inegável que fomos levados a refletir muito sobre a formação que estamos levando adiante em nossas Instituições.

O seminário foi organizado pela Conferência dos Religiosos da Argentina, com o auxílio de uma equipe composta por membros das Conferências de Religiosos de todos os países do Cone Sul, e aconteceu na casa de retiros Maria Auxiliadora, em San Miguel, província de Buenos Aires, distante mais ou menos uma hora da capital argentina. Do Brasil, éramos vinte e oito representantes, dois deles membros da equipe de organização. A metodologia adotada para o evento seguiu o modelo *ver-julgar-agir*. Contávamos com a presença de dois iluminadores e alguns observadores, os quais, em momentos específicos, faziam seus aportes, ajudando na reflexão que se ia construindo. Muito significativa também, quanto à metodologia, foi a convivência nos pequenos grupos (comunidades de vida). Nesses grupos é que acontecia praticamente toda a caminhada do seminário: oração, debates, conclusões, propostas etc. O fato de convivermos praticamente o tempo todo com as pessoas do pequeno grupo (em torno de dez pessoas) possibilitou-nos um conhecimento mútuo mais profundo e significativo. Como disse alguém, “parece que nos conhecíamos já de há muito tempo”.

Enfim, posso dizer que foi uma experiência enriquecedora, acima de tudo. Acompanhar a reflexão que se foi construindo junto a pessoas de experiências diferentes, ainda que quase todos na formação, tornou-se um marco na minha caminhada de formador também.

Quero concluir este breve relato com a frase final da mensagem que foi enviada a todos os superiores maiores das Instituições que estão no Cone Sul: “Nos hemos sentido invitados e invitadas a ‘rematricularnos en el discipulado de Jesús’”.

Pastoral Escolar Damas, uma experiência de evangelização para os novos tempos

FLÁVIA MATIAS DE QUEIROZ, DIC*

* **Irmã Flávia Matias de Queiroz** é religiosa das Damas da Instrução Cristã. Graduada em Pedagogia e Teologia. Coordenadora do Serviço de Orientação Religiosa (SOR) provincial e do Departamento de Pastoral do Colégio Damas, Recife. Professora de Ensino Religioso, catequista e membro da Comissão Arquidiocesana de Pastoral Bíblico-Catequética.

Endereço da

autora: Av. Rui Barbosa, 1426, Bairro Graças, CEP 52050-000, Recife-PE. E-mail: irflavia@hotmail.com.

1. *Constituição das Damas da Instrução Cristã*. 1980, p. 14.

O Instituto das Damas da Instrução Cristã foi fundado com a missão de *revelar a face do Cristo Educador*. Na Constituição de nosso Instituto, diz o artigo 5º: “Em nossas Obras de Educação, nossa principal tarefa é promover a formação cristã dos jovens que nos são confiados e associar seus colaboradores e as famílias ao que sempre foi e deve permanecer nossa principal preocupação” O artigo 4º, por sua vez, alerta para a imprescindível necessidade da evangelização:

As tarefas humanas, que assumimos livremente, não nos devem jamais fazer esquecer o essencial: o acesso dos jovens às riquezas da fé. [...] “No cumprimento da missão que nos cabe” – diz o art. 7º – “qualquer que seja a maneira pela qual ela se apresente e quaisquer que sejam as circunstâncias, teremos sempre de encarnar a face atual do Cristo Educador”, o que é enriquecido pelo art. 14, ao recordar o essencial da história das Irmãs e dos Colégios Damas: “Dedicadas, desde o início, a oferecer Jesus aos jovens” [...].¹

Cientes da missão recebida e desejosas de sermos fiéis a ela, compreendemos que o mundo mudou e experimentamos os inúmeros desafios dessa mudança. O pluralismo religioso é um fato incontestável na sociedade de hoje. A juventude apresenta características e valores plurais e fragmentados, porém cada geração tem suas luzes e suas sombras.

Conhecer os jovens é condição fundamental para evangelizá-los. Deve-se conhecer sua geração, aprofundar suas características, traçar seu perfil, para que se possa pensar numa

pastoral adequada aos tempos de hoje, mesmo conscientes da dificuldade de traçar um único perfil dela, porque está sempre exposta à oscilação constante marcada ainda pela velocidade social das mudanças culturais e históricas, com as vulnerabilidades e potencialidades dos jovens. Reconhecemos desde cedo que é preciso dedicar tempo para acolher e acompanhar os jovens, acreditar na generosidade que existe em cada um, amá-los e devolver-lhes a confiabilidade, oferecer-lhes segurança por meio de uma orientação firme, clara e amorosa.

Em nossa prática de pastoral, percebemos que os jovens reclamam, às vezes inconscientemente, da necessidade de estruturas de movimentos, grupos, encontros, eventos, que tenham fins e objetivos claros e definidos. É comum que simpatizem com orientadores capacitados, equilibrados, conhecedores da fé cristã e de opção eclesial definida, o que lhes possibilita caminharem mais seguros diante das suas questões de crise de fé.

Numa fase crucial, quando os jovens encontram-se na transição da adolescência para a juventude, a pastoral dos Colégios Damas propõe uma experiência de Deus a partir da junção do amadurecimento intelectual, da competência dos profissionais, do zelo, da formação religiosa fundamentada nas Escrituras, na tradição e no carisma congregacional por meio de experiências que fascinem os jovens.

Foi isso que a Igreja intuiu, quando disse em Santo Domingo, que as novas situações em que vivem hoje os jovens exigem novos caminhos para evangelização. É necessário empregar, sob a ação do Espírito Santo criador, a imaginação e a criatividade para que, de maneira pedagógica e consciente, o Evangelho chegue ao coração dos jovens.² E nós ousamos considerar. Não podíamos ficar fechados dentro das salas de aula, repetindo os mesmos discursos, falando a mesma linguagem para um público que não mais existe.

Uma escola em pastoral

Nos Colégios Damas, a Pastoral faz parte da estrutura escolar, reconhecida como departamento. Tal missão tem

2. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano: Santo Domingo. Texto oficial. São Paulo, Paulinas, 1992. n. 29.*

por objetivo zelar pela fidelidade ao carisma, dinamizar as atividades pastorais e cumprir aquilo que está na raiz do ser Damas. Para tanto, houve necessidade de criar uma estrutura específica: com salas para o ensino religioso, ambientes para catequese, espaços para elaboração de projetos, atendimentos, e uma estrutura que favoreça a vivência dessa ação pastoral.

Dessa forma, entendeu-se que a escola precisa permanecer em estado de pastoral, cabendo-lhe a responsabilidade, primeiramente, de permear a vida toda da educação com o ideal de Jesus Cristo, integrando na missão todas as disciplinas e atividades escolares. Mas também cabe-lhe promover momentos oportunos nos quais educandos, educadores e familiares possam, de maneira mais intensa, encontrar e dar sentido a tudo o que são, aprendem, vivem e sonham. Portanto, quando uma escola dispõe-se a estar em clima de pastoral, significa que todo o ambiente escolar, todo o currículo e todas as pessoas envolvidas na comunidade educativa, especialmente professores, pais e demais formadores, precisam predispor-se a ser e a desenvolver princípios e atividades pastorais que possibilitem a implantação dessa proposta educativa.

Para que toda a escola mantenha-se em clima de pastoral, fez-se necessário investir em seus educadores. O corpo técnico encontra-se uma vez por semana, espontaneamente, em horário regular de trabalho, para formação humana e religiosa. As avaliações têm sido muito positivas, pois nesses encontros abordam-se questões existenciais, relacionais e de fé. Em alguns casos, os educadores chegam a pedir a preparação e recepção dos sacramentos. Esses grupos são compostos também por pessoas dos diversos credos e têm sido de grande valia para a comunidade educativa.

De forma particular, toda a equipe de pastoral do colégio tem vivenciado uma formação permanente com reuniões semanais, com duração de duas horas, além de todo incentivo e apoio para cursos de aprimoramento em ensino religioso, catequese e pastoral. Anualmente, os educadores que desempenham funções no departamento de Pastoral

reúnem-se para retiro, formação ou partilha das atividades desempenhadas.

Diante das novas demandas e do pluralismo religioso atual, a equipe do Serviço de Orientação Religiosa (SOR) sentiu a necessidade de elaborar um material que contemplasse o ensino religioso confessional, salvaguardando a identidade católica dos Colégios Damas. Após vários anos de pesquisas, estudos, reflexões assessoradas por profissionais da área, elaboramos as Diretrizes para Ensino Religioso nos Colégios Damas, o que resultou num grande bem para toda a província. Adquiriu-se uma unidade de ação e uma maior fidelidade ao carisma congregacional.

Regularmente, os educadores e os educandos, além de pais e ex-alunos, têm procurado orientação espiritual com um sacerdote que permanece dois dias na escola para aconselhamentos e confissões. Além do sacerdote, irmãs e agentes de pastoral são solicitados para acompanhamento ou para participar de suas dúvidas, a partir de temas trabalhados em aulas ou outras situações emergentes. A procura é grande e o espaço de escuta é oferecido. O clima é de abertura, confiança e proximidade. O resultado é positivo.

Nessa missão, nosso olhar volta-se também para os mais pobres, porção querida do rebanho do Senhor. Por isso a escola promove atividades solidárias nas diversas realidades de pobreza, como, por exemplo, em asilos, creches, escolas, lixões.

Partilhamos uma das experiências de fraternidade denominada “Projeto Mãos que Cuidam”, no qual os alunos do Colégio entram em contato com algumas realidades de carência e pobreza, as quais despertam neles uma maior sensibilidade às diversas situações que encontram. Durante os períodos pascal e natalino, às sextas-feiras, em horário contrário à aula, os educandos partilham não só coisas materiais, mas doam-se, elaborando oficinas, brincadeiras, danças, momentos de oração nas comunidades ou obras sociais. Tudo num clima de muita fraternidade. Todos saem enriquecidos.

Protagonismo juvenil

Um grande instrumento eficaz na evangelização hoje é a experiência de jovens evangelizando jovens com um amor de pastor, assim como confirma o Papa Bento XVI, em sua fala aos jovens no Brasil: “[...] sois jovens da Igreja. Eu vos envio para a grande missão de evangelizar os jovens. Sede o apóstolo dos jovens”. Essa é uma das tentativas propostas pela pastoral dos Colégios Damas, que têm crescido positivamente na experiência de serviço e de doação ao próximo. É fruto de um encontro pessoal com o Senhor, assumido e partilhado com tantos outros, em lugares diversos, na própria escola e além de seus muros.

Os jovens são abertos a mudanças, generosos ao serviço e sensíveis às situações de sofrimento das pessoas, quando fazem a experiência do amor de Deus. Quando encontram adultos dispostos a acolherem suas questões sobre Igreja e sentem que são aceitos em suas crises de fé, a resposta é autêntica e sincera, estando abertos ao diferente, mesmo quando lhes pedem uma resposta radical. Eles oferecem seu potencial, colocando-o a serviço de outros.

Os alunos das séries posteriores, a partir do 7º ano, tornam-se monitores nos encontros das séries anteriores. Isso cria uma responsabilidade em comprometer-se e dar testemunho para os mais novos. Surgem lideranças e a participação na vida da escola recebe destaque. O jargão “Jovens evangelizando jovens” é aprimorado e passamos a perceber uma nova realidade: jovens evangelizando as famílias.

Os projetos de evangelização

A Igreja, em Santo Domingo, pediu uma nova evangelização e orientou “que a evangelização seja nova no seu ardor missionário, nova em seus métodos, nova em sua expressão”. Na tentativa de atender a esse apelo e impulsionadas pelo zelo missionário e pelo desejo de fidelidade à sua missão de “revelar a face atual do Cristo Educador”, a Pastoral dos Colégios Damas aceitou o desafio de criar

possibilidades novas de anunciar Jesus Cristo. Compreendeu, também, que há uma rápida mudança na mentalidade e no jeito de ser da juventude Pós-Moderna. O próprio *Documento* afirma: “Os novos tempos exigem que a mensagem cristã chegue ao homem de hoje mediante novos métodos, que seja expressada numa linguagem e forma acessível, penetrante, válida e profunda sem alterar e modificar em nada o conteúdo da mensagem evangélica”.³ Imbuída dessa motivação eclesial, a Pastoral dos Colégios Damas percebeu a necessidade e urgência dessa nova metodologia de evangelizar e fez prática aquilo o que a Igreja oferecia em sua Conferência Episcopal.

Diante de tal dinamismo que a missão exigiu, não nos desviamos daquilo que deve ser nosso sinal: o anúncio explícito da pessoa de Jesus Cristo. Ele permanece nosso único e principal objetivo. Todos esses projetos de evangelização realizados nos Colégios carregam a marca da fé e a clareza de nossa *identidade cristã católica*. Nossa proposta é clara e nossa identidade de escola confessional não é negociada. No entanto, ao assumir tal perfil, constatamos que não tem sido um obstáculo a quem professa uma fé diferente e está inserido em nossa comunidade educativa. De fato, são muitos os que professam uma fé diferente da nossa e aderem e participam dos diversos encontros propostos. No diálogo inter-religioso, no diálogo ecumênico ou mesmo no encontro humanístico com os que se dizem agnósticos ou ateus deixamos perpassar aquilo que o Senhor ofereceu como elemento de encontro e resgate: o amor.

Oferecemos encontros de evangelização específicos para cada série. Realizados em finais de semana, podem durar de um a três dias, dependendo da faixa etária. A linguagem e as dinâmicas utilizadas procuram atender às necessidades da faixa etária de cada série. Cada encontro tem estrutura, metodologia, nomenclatura e temática próprias, o que possibilita originalidade e continuidade no processo formativo e evangelizador. Toda a formatação, estruturação e implantação é assessorada por professores, religiosas, alunos e

3. Ibid. 5, n. 10.

ex-alunos que permanecem com o coração aquecido nesta missão, para tornar Jesus mais conhecido e mais amado.

Os locais escolhidos para a realização de tais eventos vão desde o próprio espaço da escola até centros de evangelização. Todo o ambiente é ornamentado com motivos referentes à temática do encontro. Se a temática é sobre a “Fórmula 1”, toda a organização e disposição dos ambientes leva o jovem a entrar num clima que prima pela estética espacial, auxiliando na aquisição e apropriação da proposta. No caso do “Shemá”, seu desenvolvimento dá-se nas dependências da Nova Jerusalém, onde, anualmente, acontece o espetáculo da Paixão de Cristo. Todo o cenário leva o jovem a compreender melhor como viviam Jesus Cristo e seus apóstolos, ao mesmo tempo que é convidado a percebê-lo como modelo de vida. Comprendemos que os espaços devem ajudar ao fim a que se propõe cada um: encontrar Deus.

Elencamos a seguir alguns dos encontros implantados:

1. Mochilinha – 1º ano do Fund. I – “Cuida dele” (Lc 10,35)
2. Pequena Via – 2º ano do Fund. I – (Inspirado na vida de Santa Teresinha)
3. Ágape – 3º ano do Fund. I – “Deus é amor” (1Jo 4,8)
4. Semear – 4º ano do Fund. I – “O semeador saiu a semear” (Mt 13,4)
5. Tabor – 5º ano do Fund. I – Retiro para os que se preparam para a Primeira Eucaristia
6. Olaria – 6º ano do Fund. II – “Como o barro nas mãos do oleiro, assim está você nas minhas mãos” (Jr 18,6)
7. *Shemá* – 7º ano do Fund. II – “Escuta, Israel, o Senhor vai falar” (Dt 6,4)
8. Entre Amigos – 8º ano do Fund. II – “Quem encontrou um amigo, encontrou um tesouro” (Eclo 6,14)
9. Acampamento – 9º ano do Fund. II – “Buscai as coisas do alto” (Cl 3,2)
10. Fórmula-1 – 1ª série do Ensino Médio – “Corro, mas não sem rumo certo” (1Cor 9,26)

11. DDD (Dias de Deserto com Deus) – 2ª série do Ensino Médio – Para os que se preparam para a Crisma
12. O Máscara – 3ª série do Ensino Médio – “Revesti-vos de Cristo” (Cl 3,10)
13. O Mestre – Para educadores – “Aprendeis de mim que sou manso e humilde de coração” (Mt 11,29)
14. Sinfonia – Para pais – “Versos que falam sobre nós, claves que falam sobre Deus”
15. Encontro de Evangelização – Para funcionários (no âmbito provincial)

Dessa forma, toda a comunidade educativa é contemplada e convidada a fazer uma agradável experiência de Deus. A partir da realização desses encontros, percebemos a necessidade de continuidade e aprofundamento dos temas e maior aproximação à fé. Daí surgiram: Encontro Jovens Damas (EJD), para jovens a partir do Ensino Médio; Fermento, para adolescentes; *Kerigma*, para pais; Exercícios Espirituais na Vida Cotidiana (EVC), para ex-alunos; como também a Infância Missionária. Esses encontros acontecem semanalmente e têm tido uma adesão significativa.

Dos encontros realizados, escolhemos o *Fórmula 1* para apresentar a sua estrutura, exemplificando como se dá essa evangelização.

Esse encontro é oferecido, como dissemos, para os alunos da 1ª série do Ensino Médio: nesta fase de grande explosão de energia, de exibicionismo, de oposição a tudo e a todos, de polemização, o jovem tornando-se um discutidor impiedoso, com sua ânsia de expansão, enfim, com tantas situações desafiadoras, faz-se necessário ir ao encontro dos jovens, ouvir os seus gritos, propor-lhes caminhos, conquistá-los, e estar com eles. São Paulo, na Primeira Carta aos Coríntios, ensina a fazer essa experiência: “Eu me fiz servo de todos, para ganhar o maior número possível. Fiz-me fraco com os fracos, a fim de ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, a fim de ganhar a todos. E tudo isso faço por causa do Evangelho” (cf. 1Cor 9,19.22-23).

O *Fórmula 1* procura despertar os jovens para uma grande corrida, enfrentar os obstáculos e conquistar o prêmio, mas com objetivo claro: “[...] eu corro, mas não sem rumo certo” (cf. 1Cor 9,26). Jesus Cristo é a meta a ser alcançada.

O encontro é inspirado na corrida de *Fórmula 1*. A linguagem segue a nomenclatura indicada: autódromo (colégio), mecânicos (coordenadores das equipes), pilotos (alunos encontristas), diretores de prova (coordenação geral), baterias (temas abordados), caixa de ferramentas (momento de partilha em pequenos grupos), *box* (local onde os temas são apresentados), equipe (pequenos grupos de encontristas), abastecimento (momento de oração), refeitódromo (local das refeições), *pit stop* (intervalo), polimento (banho), garagem (dormitório), pipidódromo (banheiros), temporada (dias de encontro), largada e bandeirada final (início e término do *Fórmula 1*).

O evento tenta oferecer possibilidades de fazer uma experiência de Deus, ajudar os jovens a descobrirem que não estão neste percurso sozinhos: na corrida pela vida caminham juntos com outros jovens que se tornam amigos, e esta amizade pode ser enriquecedora. É aberta a possibilidade para o jovem conhecer melhor sua máquina (sexualidade) para usá-la bem. Busca, ainda, valorizar o piloto (pessoa) e descobrir seu potencial, restaurando sua autoestima. Ensina-se que o combustível (amor) precisa ser resgatado e compreendido como possibilidade de compromisso consigo e com os outros e, ainda, que devem caminhar no circuito (vocação), tentando descobrir qual o seu local no mundo, atentos aos riscos de andar na contramão (drogas). Por fim, que a equipe (família) seja reencontrada e sejam refeitos nela possíveis laços que foram desfeitos, lembrando aos pilotos que o motor (Jesus Cristo) nesta corrida é indispensável e que dele não se deve descuidar. Esses são os temas abordados.

O encontro torna-se atrativo pela própria dinâmica nele desenvolvida. É buscado por muitos: tem uma demanda em média de 80,56% de alunos da 1ª série do Ensino Médio. Para atender a tanta procura, são oferecidas três temporadas, com a participação de 110 alunos em cada uma. O encontro

envolve pais, familiares, amigos, alunos, ex-alunos e educadores. Tenta-se sensibilizar os pais na dinâmica do amor e acolhimento aos filhos, e redescobrir os valores próprios à célula *mater* que é a família.

Como forma de aproximação e cuidado da família para com o jovem, propõe-se que seja enviado um lanche da preferência do mesmo. E como expressão explícita de carinho, afeição, estima e valorização à pessoa, os familiares mais próximos, bem como amigos e parentes enviam mensagens escritas como forma de declaração de amor. Ao final do encontro, a família faz-se presente e juntos participam do encerramento (bandeirada), quando é apresentada uma peça teatral que tem como tema os conflitos familiares. Em seguida, propõe-se que o jovem abraça a família como sinal de acolhida e perdão das eventuais fraturas nas relações. Essa experiência tem provocado reencontros que encurtam distâncias e possibilitam verdadeiros encontros.

Depois do abraço com a família, é chegado o momento de receberem seu prêmio: a participação de todos na Eucaristia, demonstrando que só é possível celebrar a vitória “quando se persegue o alvo, rumo ao prêmio celeste, ao qual Deus nos chama em Jesus Cristo. O que importa é prosseguir decididamente” (cf. Fl 3,14.16).

Os frutos da missão

Os frutos podem ser encontrados nos testemunhos dos jovens que procuram viver os valores cristãos no mundo universitário, na profissão, na família.

Encontra-se a presença de crismados e ex-alunos nas paróquias, nas missões populares, nas creches, asilos, nas pastorais da saúde, na Crisma e Primeira Eucaristia, na Pastoral da Juventude, na pregação de retiros e em encontros de evangelização dos Colégios Damas e em outros colégios.

Muitos permanecem ligados e retornam ao Colégio, desejando partilhar suas conquistas, suas lutas, seus fracassos. Um considerável número de ex-alunos procura regularmente o

sacramento da Reconciliação, pede aconselhamento, ou mesmo passa para partilhar algo da vida.

De nossa missão, vimos surgir vocações sacerdotais e religiosas. O fruto dessa nova forma de evangelizar também está sendo colhido nos seminários diocesanos, Ordens ou Congregações religiosas, onde ex-alunos decidem consagrar-se à causa dos mais pobres como sinal profético do Reino.

Uma grande riqueza, fruto da missão, é o surgimento de grupos e comunidades de vida que procuram, juntos, viver a proposta do Evangelho. Esses grupos têm crescido e partilhado suas vidas nas mais diversas necessidades da Igreja, evangelizando em escolas, paróquias, dioceses.

O movimento pastoral tornou-se tão vivo e dinâmico que despertou interesse nos pais e educadores e o desejo de fazer experiência semelhante a que seus filhos e/ou alunos fizeram. Nasceram, então, os encontros “O Mestre”, para os educadores, e “Sinfonia” para os pais. Não há dúvida de que o apelo dos educadores e pais partiu dos sinais significativos de mudança e de novas posturas, atitudes e valores que os jovens testemunharam em casa e fora dela.

Dessas experiências vemos surgir, também, lideranças inseridas na vida social, na política, em ONGs e nos meios onde podem ser fermento na massa e sinal profético nos dias de hoje. São jornalistas, médicos, profissionais liberais, funcionários públicos, juristas, psicólogos e tantos outros homens e mulheres que carregam a marca de uma experiência com o Senhor que os envia a dar testemunho na vida concreta.

Considerações finais

Tendo em vista a avaliação da Pastoral dos Colégios Damas, seus resultados positivos e suas ambiguidades, por meio de uma pesquisa realizada com jovens que fizeram tais experiências, observamos sinais positivos, quer pela procura de muitos jovens na participação desses encontros, demonstrando uma grande abertura às propostas de evangelização, quer pela sensibilização às experiências de Deus e a serviço do próximo.

Feita uma avaliação com jovens, foram consideradas positivas as metodologias aplicadas, a clareza das propostas, os conteúdos cujo anúncio principal é Jesus Cristo. Tem-se a impressão de que a pedagogia utilizada pela Pastoral do colégio, para evangelizar a juventude, tem um resultado positivo.

Portanto, a proposta de João Paulo II – “que haja uma nova evangelização: nova em seu ardor missionário, nova em seus métodos e nova em sua expressão” –, tem sido uma luz que vem iluminando os caminhos na realização do carisma de evangelização da juventude.

O testemunho de dedicação de inúmeros jovens envolvidos nos eventos tem despertado em muitos o desejo de compromisso. Eles se têm tornado referenciais da presença de Cristo. Em muitos encontros, os temas são abordados por eles. São ex-alunos que se tornaram anunciadores da Palavra. Suas pregações têm tido eco na vida de quem as ouve. Verdadeiramente, constata-se o que em muitos documentos da Igreja é afirmado: “O jovem é o evangelizador privilegiado de outros jovens”.

Evangelizar os jovens, no contexto atual, permanece um constante desafio nos tempos modernos. Encontrar uma pedagogia que chegue ao coração juvenil permanece sempre como uma meta a ser alcançada. É preciso permanecer com o coração aquecido pelo amor e zelo que brotam do encontro pessoal com Jesus Cristo para manter vivo o entusiasmo e o ardor missionário.

Possivelmente, a resposta poderia ser encontrada numa pastoral de conjunto: uma paróquia mais pedagógica e uma escola mais pastoral.

Diante de tantos encontros e desencontros, desafios e esperança, ainda temos a ousadia de acreditar que é possível anunciar Jesus Cristo por fidelidade ao Evangelho e ao carisma congregacional. Os frutos confirmam e estimulam-nos a lançar as redes para águas mais profundas. Desejamos que *tudo seja para a maior glória de Deus.*

Referências

- BENTO XVI. *Palavras do Papa Bento XVI no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- CELAM. *Conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-Americano*; Santo Domingo. Texto oficial. São Paulo: Paulinas, 1992.
- CNBB. *Evangelização da juventude; desafios e perspectivas pastorais*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2006. n. 93.
- CONGREGAÇÃO Damas da Instrução Cristã; diretrizes Damas para pastoral na escola e o ensino religioso. 2007.
- LIBANIO, J. B. *Jovens em tempo de pós-modernidade; considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
- NOVA EVANGELIZAÇÃO. Série de cadernos pastorais, n. 124, 1992.

A internet faz mal à Vida Religiosa?

129

PLUTARCO ALMEIDA, SJ*

“[...] mas examinai tudo e guardai o que for bom.”
(1Ts 5,21)

ARTE & CULTURA

Histórias da vida real

Outro dia um padre amigo meu, encarregado da formação superior dos Religiosos da sua Congregação, ao final de um rápido bate-papo, expressou a sua preocupação em relação ao uso constante, e até abusivo, segundo ele, que os seus formandos mais jovens, sobretudo, fazem da internet. E as frases que ele disse foram mais ou menos estas:

“Eles ficam trancados dentro do quarto por várias horas navegando na internet. Às vezes, esquecem até das refeições...”

“Na hora da missa e das orações em comum estão quase todos distraídos e olhando pro relógio...”

“Tem formando que passa a noite quase toda acordado na internet e, quando chega de manhã, vai pra sala de aula cochilando...”

“Já tive casos de formandos que criaram perfis falsos na internet para manter relações amorosas...”

“Quando ameacei restringir o uso da internet, eles se reuniram e foram se queixar ao Provincial...”

O fato

A frase já é conhecida: contra fatos não existem argumentos. E o fato, queiramos ou não, é este: a internet veio para ficar. Não é questão de gosto, é questão de fato. Nos dias que correm (e como correm!), todo mundo precisa de um

* **Padre Plutarco Almeida** é jesuíta, jornalista, editor da revista *Convergência*.
Blog: plutarcoalmeida.blogspot.com.

computador conectado à rede de alcance mundial – WWW ou Web – para realizar suas tarefas profissionais, escolares, sociais etc. Isso vale também, é claro, para nós, Religiosos(as), seja lá em que tipo de apostolado estejamos trabalhando. Todos e todas querem “navegar na *net*”. Quando um padre, um irmão, uma irmã não dispõe de internet, o clima fica tenso na Comunidade, o estresse aumenta subitamente, parece até o fim do mundo, meu Deus! Tudo para quando a internet para, e nós nos sentimos desconectados do mundo! E nas reuniões, encontros, viagens etc. já é grande o número de Religiosos(as) que carregam os seus computadores pessoais de mesa ou de mão. Fica cada um(a) de olho grudado na tela, com medo, talvez, de ser desligado(a) do mundo... Por necessidade ou por força do cargo (os[as] provinciais, por exemplo), mas em alguns casos por puro exibicionismo mesmo, as fantásticas maquininhas tornaram-se parte da bagagem comum da maior parte dos homens e mulheres que estão na VRC. Parodiando a velha canção portuguesa, “navegar [na internet] é preciso, viver não é preciso”.

Por outro lado, as pessoas com as quais trabalhamos, sobretudo as crianças, adolescentes e jovens, fazem parte da “geração Y”, expressão usada para falar do que seria uma espécie de nova categoria de pessoas humanas, ou seja, gente que nasceu na era do computador, navegando na internet, integrada às redes sociais mundiais. Trata-se de uma geração de pessoas “conectadas” vinte e quatro horas por dia, e sempre ávidas por conhecer/utilizar/consumir novas tecnologias. Esta é uma fome nunca saciada plenamente, porque as novidades também não param de chegar ao grande mercado global em que se transformou o nosso mundo.

Parece que pouco a pouco o Planeta Terra (e nós com ele) tornou-se refém da máquina, o que nos faz lembrar a consagrada imagem de Charles Chaplin no cinema em *Tempos modernos*. De alguma forma, e mesmo sem ter plena consciência, Chaplin foi um profeta dos novos tempos, que começaram lá atrás, com a Revolução Industrial, e chegaram ao cume nos dias atuais. Aliás, ninguém sabe propriamente o que seria este cume, pois a velocidade com que avançam as novas tecnologias

é tão grande que qualquer previsão torna-se impensável e imprudente. A estrada que se apresenta à nossa frente é mesmo uma grande interrogação. Para uns ela se descortina colorida e luminosa, enquanto para outros nem tanto assim. O que se sabe realmente é que a sociedade caminha para uma crescente sofisticação tecnológica que assenta suas bases na necessidade de contínua e permanente mudança. Esta, sem dúvida, é a sociedade do efêmero. Tal coisa é fácil de constatar, basta olhar as vitrines das lojas de informática. Todo dia um equipamento novo, mais rápido, mais completo, mais bonito, mais “moderno”, que os fabricantes querem que todos comprem logo, para daqui a pouco lançarem outro, e outro, e outro.

A internet faz mal ao cérebro?

Essa manchete da revista *Época* (n. 702, 31 de outubro de 2011) chamou-me a atenção. A revista fez uma série de pesquisas e consultou vários especialistas no assunto. Esses especialistas, segundo a *Época*, dividem-se basicamente em três grupos: os pessimistas, os cautelosos e os otimistas.

A posição dos *pessimistas* é de que as mídias digitais estão mudando (para pior) o funcionamento do cérebro humano. O uso excessivo do computador e de outros aparelhos digitais pode prejudicar a capacidade de concentração e tornar o(a) seu(sua) usuário(a) uma pessoa mais superficial e menos inteligente.

Por outro lado, os chamados *cautelosos* dizem, entre outras coisas, que é preciso aprender como funcionam as tecnologias para não vir a ser controlado por elas. Também é necessário alternar o uso das máquinas com momentos de leitura, discussões em grupo etc., de modo que a inteligência dos internautas tenha outras referências e não se prenda demasiadamente nem aos conteúdos, nem ao ritmo louco da Web. O cérebro precisa de uma folga de vez em quando!

Já os *otimistas* defendem o uso livre das tecnologias sem maiores preocupações. Um desses autores, o professor Antônio Damásio, da Universidade do Sul da Califórnia, em Los Angeles, EUA, citado pela revista *Época*, afirma que

dizer que o ser humano está ficando menos inteligente ou que o volume craniano está diminuindo em função de nossa dependência crescente dos computadores são conclusões totalmente equivocadas. Percebo exatamente o contrário. O ser humano nunca foi mais inteligente e criativo do que hoje. Vivemos o auge de um longo processo de desenvolvimento cognitivo. Desde a evolução de nossa espécie, o cérebro vem sendo exigido e moldado para responder às mudanças ambientais e sociais.

Para reforçar essa compreensão otimista a respeito do uso da internet no nosso dia a dia, a reportagem da *Época* registra a existência de grupos que pretendem dentro em breve estabelecer uma espécie de rede mundial de inteligência, conectando bilhões de pessoas e propiciando, quem sabe, o surgimento de uma inteligência que transcenderá o potencial de cada inteligência individual. A revista não menciona, mas já sabemos, por exemplo, que o projeto internacional de sequenciamento do genoma humano faz uso desse recurso, isto é, tem recebido o suporte de milhares de pesquisadores no mundo inteiro, até mesmo do Brasil, para realizar tal tarefa científica, tarefa, aliás, que é de suma importância para o bem-estar da humanidade.

O uso de uma inteligência coletiva mundial, portanto, não é um sonho impossível, e suas aplicações, como foi dito acima, começam a surgir no campo da medicina e em outros setores da atividade humana também. Esses verdadeiros mutirões, reunindo gente de todas as línguas e nações, tal qual um novo Pentecostes, uma gigantesca corrente de solidariedade, pode ajudar o mundo a diagnosticar/enfrentar os seus mais graves problemas. Não resta dúvida de que aqui temos um sinal fortíssimo de esperança.

Entre o pessimismo, a cautela e o otimismo

O certo mesmo é que não há nada certo! Parece que tudo está por construir sobre a face da terra, como se estivéssemos agora às vésperas de uma nova criação. Mas há quem pense que já vivemos o começo do apocalipse, no sentido

de fim dos tempos. E ainda existem pessoas, até mesmo na VRC, que preferem meter a cabeça na areia, feito avestruzes, e fazer de conta que nada mudou, que “tudo continua como antes no quartel de Abrantes”. Esse tipo de postura é um verdadeiro tiro no pé, ou seja, é uma ação que mais cedo ou mais tarde vai resultar na morte de quem a pratica. Então, é bom não se iludir achando que está tudo bem, e que o silêncio secular e tranquilo das nossas Instituições continuará para todo o sempre. Nos subterrâneos, já se escuta a barulheira, e ela vem subindo, subindo, subindo, para acabar de vez com as nossas certezas e modelos até agora adotados.

Portanto, seja qual for a posição que queiramos assumir neste momento, não é mais possível negar o que o mundo coloca invariavelmente à nossa frente: uma nova forma de pensamento, novos modelos de relacionamento interpessoal, jeitos diferentes de falar de Deus, expressões incomuns para conceitualizar amizade, ética, família, sexo etc. Este “admirável mundo novo”, desconcertante, inebriante, provocante, imprevisível e ao mesmo tempo fantástico, é o nosso maior desafio. Sim, a tarefa mais importante que temos a fazer agora é tentar entender este mundo. O certo é que, se não tivermos uma compreensão mais ou menos correta do que está acontecendo ao nosso redor (dentro de casa, por que não?), já não poderemos dialogar com a humanidade! E é sempre bom repetir: não adianta recorrer aos velhos dogmas, apelando para a obediência ou chantageando as pessoas. Isso tudo já passou, ou estará passando logo, logo.

O que fazer, então?

Quem sou eu para dar conselhos? No entanto, acredito que, independentemente da posição que adotarmos (pessimismo, cautela ou otimismo), é fundamental procurar estudar, conhecer, investigar, analisar o que existe agora. Não podemos de maneira alguma ficar de braços cruzados, aguardando candidamente o que poderá acontecer daqui para frente. Sim, porque o futuro não é mais uma coisa tão

longínqua. O futuro é agora, e quem não estiver minimamente preparado(a) será “deletado(a)”, isto é, excluído(a) desse *admirável mundo novo* que já está batendo à nossa porta! Estou convencido de que o diálogo com as gerações emergentes, de hoje em diante, só poderá ser feito por pessoas, ou entre pessoas, capazes de manusear, digamos assim, os novos códigos de linguagem que tornam possível a compreensão dessa cultura tecnológica.

E agora eu quero voltar às preocupações daquele padre formador, meu amigo. Creio que as preocupações dele são as mesmas de muitos(as) formadores(as) por esse Brasil afora. Religiosos e Religiosas que têm a missão de acompanhar os primeiros passos, ou mesmo até as etapas mais avançadas da formação dos(as) candidatos(as) à VRC, não raras vezes encontram-se divididos entre restringir o uso da internet ou simplesmente proibi-lo. Quero crer que essas são as duas posturas mais comuns, mas não acredito de forma alguma que a última seja a mais adequada, salvo em alguns poucos casos.

É claro que, se a Casa de Formação já virou uma “Casa da Mãe Joana”, ou seja, se todo mundo faz o que bem quer e entende, é chegada a hora de tomar atitudes mais radicais, até mesmo, como último recurso, a proibição completa. Mas, em qualquer caso, é bom que toda a Comunidade seja chamada a refletir sobre os motivos que levaram o(a) formador(a) a agir desse modo. Baixar decreto e empurrá-lo goela abaixo dos(as) formandos(as) não vai resolver absolutamente nada, e talvez até piore as coisas. Conversar ainda é a melhor saída!

Entretanto, na maioria das vezes não é preciso chegar a esse ponto. Existem outras maneiras, outros caminhos a serem percorridos. Aqui, a palavra que deveria impor-se é esta: *discernimento*! Nos tempos atuais, mais do que nunca, precisamos discernir, isto é, separar o joio do trigo, porque está tudo muito misturado.

Discernir significa buscar a vontade de Deus através do diálogo livre, aberto, respeitoso e construtivo. Aliás, não existe vida comunitária sem discernimento. Entretanto,

ninguém faz uma avaliação correta, ninguém discerne com sabedoria trancado a sete chaves dentro de si mesmo, indiferente aos apelos, aos sentimentos e às aspirações das pessoas ao seu redor. Se a Comunidade Religiosa ainda não tem capacidade, maturidade, ou um mínimo de autonomia para fazer um processo de discernimento, então... o que podemos esperar dos seus membros?

Em resumo: se a questão da internet não é colocada em discussão na Comunidade, ou se as decisões são tomadas unilateralmente pelo(a) formador(a) ou pelo(a) superior(a) da Casa, “na calada da noite”, sem a participação responsável de todo mundo, como podemos esperar que os(as) formandos(as) sejam capazes de discernir o que presta e o que não presta na telinha? Se não se faz um autêntico discernimento comunitário, que chances, porventura, teremos de evitar todos os problemas decorrentes do uso indevido da internet em nossas Casas de Formação, sobretudo? E ainda mais: se os(as) futuros(as) Religiosos(as) não sabem distinguir com um mínimo de senso crítico os conteúdos que circulam na internet, como é que eles(as) pretendem ajudar mais tarde as crianças e os(as) jovens das paróquias, das escolas, das Instituições e trabalhos pastorais confiados às suas Congregações e Institutos? Daqui a pouco a VRC será constituída de cegos guiando outros cegos?

Assim, não vejo outro caminho a não ser o diálogo aberto, a conversa franca e sem medo. Não vislumbro outra saída que não passe pelo exercício do discernimento comunitário, ainda que isso possa durar um pouco mais, ou custar, quem sabe, a renúncia a certos preconceitos que os mais velhos trazem na cabeça, e aqueles que os mais novos estão construindo hoje em dia também.

Essas modestas reflexões podem ser válidas para as Casas de Formação, mas talvez possam ser aplicadas também à VRC em geral, pois as questões aqui colocadas, em menor ou maior grau, atingem todo mundo, indistintamente. Queira Deus elas sirvam, de fato, para ajudar-nos a construir, nesses tempos tão difíceis, Comunidades Religiosas mais abertas, mais dialogais, conseqüentemente também mais fraternas.

LUÍS STADELMANN, SJ*

Introdução

Só existe um ponto de referência válido e imprescindível a partir do qual se pode falar da doença de alguém próximo de nós, e este ponto é, paradoxalmente, o estado de saúde de um membro da família. Trata-se de um ponto de referência válido, pois só tem capacidade de cuidar de um enfermo quem o tem em grande estima e quer minorar o sofrimento e ajudar na recuperação da saúde. Nesse sentido, a doença não é a última palavra nem o estágio final de uma vida sofrida, mas o ponto de partida do combate contra a enfermidade. Representa também o preço pela cura do mal que estava abalando o organismo humano e marca o início de um surto de novas energias que abrandam os traumas e preparam o restabelecimento da saúde.

Jó, o enfermo

A mulher de Jó mostra seu carinho no tratamento dele durante a enfermidade. Seus sentimentos de solidariedade são motivados pela convicção religiosa de que Deus não fica alheio ao sofrimento do seu marido. Sua crença em Deus baseia-se na concepção em voga entre os fiéis da comunidade que acreditam na doutrina sobre a retribuição divina. À luz dessa mentalidade, a esposa procura aliviar o sofrimento atroz de seu marido recorrendo a uma medida drástica, isto é, rogando uma praga. Por isso ela aconselha: “Amaldiçoa a Deus e morre de uma vez!” (Jó 2,9).

* **Luís Stadelmann**

é padre jesuíta,
doutor em Bíblia,
professor de Sagrada
Escritura no
Instituto Teológico
de Santa Catarina
(ITESC), escritor e
tradutor. **Endereço**
do autor: Rua
Esteves Junior 711,
CEP 99015-130,
Florianópolis-SC.

E-mail:

lstadelmann@
hotmail.com.

A mulher quer induzir o marido ao pecado, quando lhe sugere que amaldiçoe a Deus. Por estranho que pareça, essa sugestão parece ser bem-intencionada, porque ela pensava que Jó, ao proferir a maldição, seria repentinamente fulminado pelo raio da vingança divina e a morte haveria de livrá-lo do sofrimento.¹ Aliás, é frequente que tais pensamentos surjam na mente do enfermo, insinuando uma morte repentina como término de todo tipo de dores e como último recurso de encontrar alívio, quando outros meios não adiantam mais para minorar ou acabar com a tribulação da alma e do corpo. Entretanto, não é só o sofrimento que causa um desgaste nas energias do organismo, mas também a experiência da invalidez entre os paraplégicos, que desanimam diante da frustração ao continuar sentados numa cadeira de rodas, sem locomover-se por si mesmos, mas somente com a ajuda de outros. Igualmente, os desenganados de qualquer melhora de uma saúde abalada estão sujeitos a uma provação que vai além de suas forças e sucumbem ao desânimo, enquanto outros, durante anos, não perdem a esperança por um milagre que os restabeleça novamente. Outros falam da doença sem ressentimento ou autocomiseração, sem fatalismos, sem indagações – por que logo eu? –, que subentendessem a injustiça do universo contra a fragilidade de um ser pacífico e solitário. O câncer é meu amigo. Ele me ensinou a olhar o mundo com pureza.² Nessa situação, somente quem tem a virtude heroica da perseverança consegue superar a deficiência sem desfalecer, alimentando um ânimo sempre renovado e iniciando cada novo dia com a graça de Deus sem incriminar o destino cego ou a fatalidade da vida pelo mal que o aflige.

O *Livro de Jó* tem uma novidade a oferecer na abordagem da teologia bíblica que serve de base da pastoral dos enfermos. Coloca no pelourinho da crítica da experiência humana todo o sofrimento dos enfermos, dos seus familiares e dos agentes de pastoral que se solidarizam com os oprimidos pela doença. Se apenas o sofrimento precisasse de tratamento, bastaria elencar terapias e curativos para todo tipo de doença. Contudo, quando entra em jogo o

1. STADELMANN, L. *Itinerário espiritual de Jó*. São Paulo: Loyola, 1997. p. 91.

2. TENFEN, Maicon. Crônica no *Diário Catarinense*, Florianópolis, 22 out. 2011, Seção “Diário no dia de hoje”, p. 3.

estado espiritual dos enfermos, o problema abarca também a motivação religiosa da vivência da fé entre os fiéis, como também na sociedade secularizada. Pois os dois ambientes revezam-se mutuamente ou alternam-se entre si e, então, as duas atitudes religiosas coexistem uma ao lado da outra. Isso significa que tanto uma como outra têm seu direito de existir e entram em pauta no diálogo inter-religioso. Ora, Jó afirma que Deus não é como dizem e como lhe fora ensinado pela tradição religiosa da teologia do Antigo Testamento até então. Daí que Jó coloca-se diante dos seus amigos – Elifaz, Baldad, Sofar – e Eliú. Esses quatro interlocutores de Jó exercem o múnus de teólogos, como é indicado pelos diferentes nomes hebraicos que cada um atribui a Deus.³ Elifaz designa Deus pelo nome de *'elôha* (Jó 4,9), Baldad dá-lhe o nome *'el* (Jó 8,3), Sofar chama-o *šadday* (Jó 11,7), Eliú invoca *'elohîm* (Jó 32,2), Jó refere-se a Deus pelo nome de *'adonay* – Senhor (Jó 1,21). Esses teólogos têm o papel de guardiões do patrimônio da fé israelita transmitida a várias gerações durante séculos (cf. Jó 8,8-10). Sabem precisamente o que se passa entre Deus e os homens, pois ele sempre retribui o bem com prosperidade e o mal com adversidade. Anteriormente, o próprio Jó acreditara nisso (cf. 29,18-20; 30,26). Os fatos, porém, provam o contrário; provam-no, sobretudo, as próprias experiências de Jó. A sua profunda miséria, descrita nos capítulos I e II, em forma dramatizante, não pode ser explicada por tal doutrina. Por isso os diálogos do livro estão cheios de lamentos, queixas e brados de descrença no Deus da tradição (por exemplo: 9,17.22-24.30-31; 19,6-8; 21,7-33; 27,2), de quem diz Jó amargamente: “[...] ele extermina tanto o inocente como o ímpio” (9,22). A dogmática formulada pelos amigos procura refutar os sentimentos de Jó, esforça-se por superá-los. Jó, porém, fã-os valer como são. Contudo, não permite que lhe tirem a fé em Deus. O absurdo dessa experiência faz de Jó um homem dilacerado com uma fé dilacerada. Ele sentia Deus como seu inimigo (13,24; 19,11; 33,10) e, todavia, agarra-se a ele como seu salvador, expressando sua convicção sem deixar-se abalar por nada:

3. A multiplicidade de nomes atribuídos a Deus não é indicio de politeísmo, pois trata-se do mesmo Deus (monoteísmo), mas explica-se como alusão aos vários interlocutores em diálogo com Deus, mencionados no *Livro de Jó*.

Pois eu sei que meu redentor está vivo
 e que, no fim, se levantará sobre o pó;
 e, depois que tiverem arrancado esta minha pele,
 sem minha carne, verei a Deus.
 Eu mesmo o verei,
 meus olhos o contemplarão, e não a um estranho.
 No meu íntimo abrasam-se os meus rins (Jó 19,25-27).

Esse texto abre um vislumbre do destino glorioso dos homens após a morte, e precisamente no momento do desenlace.⁴ A mesma expectativa baseada na revelação divina é expressa pelo salmista, que se torna uma voz imortal das mais empolgantes que no Antigo Testamento exaltaram a união perene com Deus após a morte. O salmista baseia sua fé no fato de que essa união, para ser verdadeira, não pode ser temporária – em ocasiões de enlevo espiritual – e por isso mesmo tem de estender-se para além da morte, perpetuando-se na glória celeste:

No entanto, estou sempre contigo;
 tu me tomaste pela mão direita.
 Com teu conselho me guias
 e depois na glória me recebes.
 Que tenho eu em meu favor no céu?
 Fora de ti, ninguém mais desejo sobre a terra.
 Minha carne e meu coração desfalecem;
 rochedo do meu coração e minha porção
 é Deus para sempre! (Sl 73[72],23-26).

A doutrina que fundamenta sua crença baseia-se na revelação sobre a aliança sagrada entre Deus e o Povo Eleito, estabelecendo a relação de amizade divina para fins de salvação dos fiéis.⁵ A salvação de Deus envolve a libertação dos males, como também o enriquecimento com dons divinos.

Por esse motivo, o *Livro de Jó* não é o livro da ausência de Deus. É, porém, o livro que, mais que qualquer outro escrito da Bíblia, atesta que a concepção tradicional de Deus não resiste à experiência da desgraça, da doença, do sofrimento,

4. Ver interpretações alternativas em: STADELMANN, *Itinerário espiritual de Jó*, p. 98-99.

5. Cf. STADELMANN, L. Religiões bíblicas baseadas na Aliança Sagrada. *Encontros Teológicos*, ano 26, fasc. 1, n. 58, p. 93-106, 2011.

das calamidades e da morte. A experiência e a realidade são mais fortes que uma teologia teórica sem relação com a vida. Por isso a atitude de Jó é de contestação, contra a vivência secularizante da fé. Falta-lhe, porém, a dimensão da significação do sofrimento nos homens que *sofrem com sentido*, como Jesus Cristo, paradigma dos sofredores: a experiência cristã assume o sofrimento com a lucidez que procede da fé. É que o sofrimento de Jesus Cristo tem função salvífica na obra de redenção da humanidade. Entretanto, somente na existência terrena de Cristo é que o término da vida biológica (por uma morte violenta) tem dimensão salvífica, ao passo que para o gênero humano é meramente o fim de um capítulo da peregrinação terrena.

A guinada entre os discursos do homem sobre o problema de Deus, elaborados a partir de intuições individuais, acontece no momento em que se procede da reflexão sobre a Palavra de Deus dirigida aos homens. Para começar, Jó dá-se conta de que o sofrimento não é propriamente um corretivo, como se, aceitando tal situação e confessando seu pecado, Deus o perdoaria e lhe daria em recompensa a cura. Um dos teólogos aventou a teoria de que o sofrimento teria função pedagógica (Jó 33,14-25). Daí que não se trataria de perguntar *por quê?*, mas *para quê?* Mas todas essas teorias não são adequadas, porque não ajudam a sair da dialética judicial, do tema da retribuição e do círculo “pecado - sofrimento” em que Jó se debatia sem saída. À luz do discernimento e da avaliação das tentativas de explicação, descobre-se que não se chega a Deus pelo entendimento, mas pela *adoração*. É concedida a Jó, ainda, uma breve palavra para reconhecer sua insensatez e proclamar o conhecimento nascido do encontro: “Eu te conhecia só por ouvir dizer, mas, agora, vejo-te com meus próprios olhos” (Jó 42,5). A essa altura, Jó se cala. Não reclama por seu sofrimento nem continua defendendo sua inocência. Esta só lhe servia para que Deus o chamasse de justo. Por vias inesperadas Deus o curou do sofrimento, tornando-o justo ao dirigir-lhe a palavra.

O drama sagrado de Jó mantém de pé o sofrimento como problema teórico. O autor pretende dizer que devemos

aprender a suportar, em tranquila convivência, esse e outros desígnios inescrutáveis de Deus referentes ao homem. Não obstante, revela muito sobre o sofrimento. Conhece-o como sintoma da efemeridade da natureza humana, e como vaga agressão do demônio. Também a reconhece como sinal de provação pela qual Deus aposta no homem em quem crê, medida corretiva de erros e pecados, e escola que educa para a maturidade. A figura de Jó não demonstra intenção explícita de sofrimento “pelos outros”, como o Servo do Senhor⁶ e a do Cristo (1Pd 2,21). Revela, não obstante, um processo luminoso e esperançoso. Tanto pode levar a resignar-se com a perdição como infundir ânimo para a busca da vida, e conduzir ao encontro com Deus como redentor (hebraico: *go’el*). É este, precisamente, o processo da história da salvação. Jó percorreu com audácia seu caminho, sofrendo, questionado pelos homens que sofrem. Nisso consiste seu serviço e sua solidariedade pelos outros.

Através da reflexão teológica sobre os dados da razão, da experiência e do diálogo, ele penetrou nos arcanos da Providência divina. Percebeu, por fim, que na sua pesquisa estava em jogo, além da inteligência, a abertura de coração, a liberdade de espírito, o rigor moral. São atitudes religiosas elucidando que a sabedoria do homem vem de Deus, não é algo ascendente, mas descendente, uma luz de Deus que ilumina sua inteligência. Por isso Jó pode afirmar que seus olhos viram a Deus (Jó 42,5), isto é, o Deus da interioridade, não da exterioridade.⁷ Deus já não é como que objeto de sua reflexão e de suas palavras, mas o Pai amoroso com quem entrou em comunhão com humildade e penitência (Jó 42,2-6).

Tobias e sua família

Entre os livros bíblicos que tratam de um tema de espiritualidade de grande relevância na atividade pastoral das comunidades de fé encontram-se os livros da *literatura sapiencial*.⁸ São livros cuja leitura leva o leitor, por via sapiencial, a descobrir uma dimensão da vivência da fé sem polêmica

6. Os quatro oráculos do profeta Isaías são profecias sobre o Messias-Mártir na figura sofrida do “Servo do SENHOR”:
 1º) Is 42,1-4;
 2º) Is 49,1-6;
 3º) Is 50,4-9;
 4º) Is 52,13-53,12.
 A figura do Messias como “Servo do SENHOR” identifica-se como Messias-Mártir e distingue-se de outras figuras do Antigo Testamento: Messias-Rei; Messias-Sacerdote; Messias-Profeta; Messias transcendente; Messias nacionalista.

7. A experiência espiritual de Jó, descrita aqui em termos de “ver a Deus”, não é a mesma do texto anterior (19,26-27) que trata da visão beatífica após a morte, quando Jó verá a Deus como redentor que, “no fim, se

levantará sobre o pó (do sepulcro)” (19,25). A diferença fundamental entre os dois textos está na experiência espiritual: no primeiro caso, trata-se da esperança escatológica (19, 25-27); no segundo caso, o tema é a interação entre fé e experiência atual (42,5).

8. Cf. STADELMANN, L. Roteiro de atividades pastorais na Bíblia: Livros sapienciais do AT e diáconos no NT. *Encontros Teológicos*, ano 24, fasc. 3, n. 54, p. 113-132, 2009. *Jó: pastoral dos enfermos*; *Provérbios: pastoral da família*; *Eclesiastes:*

nem controvérsia, porque se visa a desvendar uma mensagem divina que não surge por intuição da inteligência humana, mas por uma comunicação transmitida por via da vivência da fé entre pessoas que têm também uma missão pastoral de favorecer a gestação da vida segundo uma ecologia espiritual. Vale dizer: a fé-experiência e a fé-prática precedem o encontro com Deus. Na lista de reflexão está a tese sobre a *perfeição humana*, que precisa ser testada para comprovar sua autenticidade. Na seção dos escritos sapienciais encontra-se o *Livro de Tobias*, entre muitos outros, o qual, no conjunto de temas existenciais de judeus da diáspora,⁹ aborda a temática da provação da fidelidade na fé. Na linha de vivência da fé de quem está conturbado por tensões internas e externas analisamos anteriormente a mesma temática no prólogo (capítulos I e II) do *Livro de Jó*. O autor do livro desenvolve esse assunto de forma dramatizada por vários protagonistas: Deus, Satanás, Jó e seus amigos, que travam um diálogo em estilo de diatribe. Do *Livro dos Salmos* citamos o Sl 73(72), que trata desse tema em ambiente de oração comunitária durante a celebração da liturgia no templo. Teoricamente, são objeções à doutrina da retribuição, que relaciona a prosperidade dos seres humanos com a recompensa pela vida piedosa. Como questão existencial, o salmista exprime a perplexidade ante a escandalosa ostentação e prosperidade dos ímpios e a desventura dos justos, sob o olhar impassível de Deus. Todavia, o justo não abandona a causa de Deus para tentar a sorte dos ímpios. Sua fidelidade a Deus é descrita em termos de prática de ascese e de atos religiosos, como o rito de ablução para confirmar o testemunho de inocência. Segundo a concepção do Antigo Testamento, é por genealogia que as gerações participam da salvação divina realizada na história. Através da opção de sair da neutralidade e enfrentar o problema da retribuição, revivido no íntimo da alma, e mediante a busca da presença de Deus no santuário, dá-se um desfecho positivo à crise na fé.

No *Livro de Tobias* aparecem em cena o pai de família e sua esposa, o filho e seu anjo da guarda. O cenário é a cidade

de Nínive, onde se desenrola o drama de Tobit, que ficou cego e por isso dependia totalmente dos cuidados de Ana, sua esposa, que lutava contra a provação da deficiência física do esposo e enfrentava o problema da subsistência em meio à pobreza. Devido à ausência do filho no lar, coube à esposa tomar conta da casa e do enfermo, dispensando-lhe todo o atendimento, sem previsão de recuperar a visão. Mas a proteção do anjo da guarda acompanhando o filho na viagem a Ecbátana e sua providência para recuperar a visão do pai abriram um vislumbre sobre a atuação de Deus na história da salvação. O próprio anjo Rafael revela como Deus lida com os conflitos na vida dos homens, sem impor soluções milagrosas ou oferecer saídas honrosas: ele intervém por meio da *sinergia*, dando o início, a execução e o resultado da obra salvífica juntamente com a colaboração humana (Tb 12,12-20). Dessarte, a solicitude divina despertava as obras de caridade de Tobit; a caridade de Deus suscitava o desvelo da mulher pelo marido; a espiritualidade inspirava a Tobias não só interceder a Deus pela cura da cegueira, mas também pela expulsão do demônio que martirizava Sara, sua noiva; a oração dos pais pela proteção do filho foi providencial no retorno à casa são e salvo.

O diálogo inter-religioso enriquece-se com a troca de ideias baseadas no *Livro de Tobias*. Logo de início convém situar o tema “na saúde e na doença” no contexto do livro cujo objetivo é servir como texto-base do “Curso dos Noivos”. Os assuntos apresentados para reflexão em grupo constam na lista dos requisitos a serem estudados pelos noivos e pelos pais. Chama a nossa atenção a encenação dramática do tema “na saúde e na doença”. Nisso se ressalta o modo pedagógico de abordar questões vitais da vivência humana: temas existenciais da vida são ensinados por mestres (pais e educadores) que primam pela qualidade de *modelo* e não meramente por adultos que falam da boca para fora, sem vivência interna. Exemplos vivos, como modelos de ensino, são Tobit, o pai do noivo, e Ana, sua mulher, Tobias e Sara, ambos servindo de colunas da comunidade dos fiéis.

pastoral dos universitários; *Cântico dos Cânticos*: pastoral da coesão social; *Eclesiástico*: pastoral da formação religiosa dos adultos; *Sabedoria*: pastoral da formação religiosa dos jovens; *Rute*: pastoral dos refugiados; *Tobias*: Curso dos Noivos; *Judite*: pastoral dos fiéis em ambiente hostil; *Ester*: pastoral da liturgia (instituição da festa judaica de *Purim*).

9. O termo é uma transliteração do grego *διασπορα* – diáspora, “dispersão”, como lugar das comunidades judaicas fora da Palestina.

O clamor dos oprimidos nos salmos

A linguagem do sofrimento nos salmos quer dar uma oportunidade para o coração poder desabafar diante de Deus, especialmente na celebração litúrgica, a fim de convidar os fiéis para fazer suas orações pelas palavras dos oprimidos e dirigi-las a Deus.¹⁰ A prece dos salmos serve para formular diante de Deus a experiência do sofrimento de muita gente, e expressar a solidariedade com eles, em uma linguagem comum. É importante notar, porém, que o protagonista dentro do salmo não é autorretrato do salmista, mas porta-voz do clamor de gente sofrida apelando ao Senhor, porém sem acesso à liturgia sagrada. Era preciso, portanto, garantir-lhes o acesso à presença de Deus, pois é ali que ele se torna presente na oferta do sacrifício litúrgico para ratificar a Aliança sagrada, tanto no Antigo como no Novo Testamento:

O Senhor está perto de todos os que o invocam,
dos que o invocam de coração sincero.
Satisfaz o desejo dos que o temem,¹¹
escuta o seu clamor e os salva (Sl 145[144],18-19).

A função dos fiéis participando da liturgia comunitária é valorizada pelo fato de que seu apelo na oração tem repercussão na vida da comunidade, tanto na ecologia humana como na ecologia espiritual:

Não são os mortos que louvam o Senhor,
nem os que descem à região do silêncio.
Mas nós, os vivos, bendizemos o Senhor
desde agora e para sempre (Sl 115 [113B],17-18).

O estilo marcante dos salmos de súplica não tem paralelo em outros textos da Bíblia, porque os salmistas dramatizam a prece confiante do homem aflito, e sua fé em Deus. Nisso se diferenciam da linguagem de sofrimento nos livros proféticos, onde os autores sacros dramatizam os problemas existenciais dos cidadãos do Povo Eleito. Surge a pergunta: por que o salmista formula a prece em poesia, enquanto a

10. Convém lembrar que a oração comunitária inclui preces que os fiéis facilmente haveriam de esquecer, como, por exemplo, agradecimento pelo auxílio divino, louvor a Deus como Criador e Benfeitor, sufrágios pelos falecidos, perdão dos pecados, intercessão pelos necessitados e pela harmonia entre os povos, salvação da humanidade etc.

11. Os fiéis rendem a homenagem de louvor a Deus pela “adoração” na liturgia. O salmista usa o termo “temer”, já que o hebraico não tem o verbo “adorar” e por isso toma emprestado do cerimonial da corte a atitude reverencial dos súditos diante do soberano.

oração eucarística e os outros textos litúrgicos são redigidos em prosa? O motivo reside na peculiaridade da cultura dos semitas, que escreviam em poesia assuntos importantes para a existência humana. Além disso, cânticos religiosos destinados às gerações futuras estavam em poesia. Igualmente, a intuição poética assume vivências alheias e converte-as em sua própria criação. Por fim, poemas prestam-se à recitação, ao passo que textos em prosa destinam-se à leitura.

A prece dos enfermos nos salmos não se reduz, porém, a um desabafo do coração porque repercute na vivência da fé de toda a comunidade do Povo Eleito. É que o clamor dos oprimidos sobe até Deus como apelo premente pela *presença atuante* de Deus na liturgia e na vida. Com especial atenção à ação divina na vida humana, longe do templo, e da liturgia sagrada. É ali que os fiéis têm de exercer a atividade cotidiana, enfrentando os problemas de um ambiente secularizado. Já era conhecido de todos que a Bíblia celebra um privilégio único na história da revelação divina na história de Israel: “Pois qual é a grande nação que tem deuses tão próximos como o Senhor nosso Deus, sempre que o invocamos?” (Dt 4,7).

Essa presença precisava ser confirmada em termos de uma presença atuante de Deus junto aos fiéis, precisamente quando sentiam sua ausência por causa da doença e do ostracismo da celebração litúrgica, já que os enfermos não tinham voz nem vez nos átrios do templo. Pois os teólogos do Antigo Testamento veem em todo sofrimento a força da morte em ação. O perguntar pelo sentido brota dessa ameaça que a vida sadia vê no dinamismo da morte atuante através do sofrimento. A pergunta só pode ser dirigida a Deus através do sofrimento, e, se não for a Deus, a quem mais será? Em cada “por quê?” de um sofredor, ferido, desesperado, marginalizado, o homem lança a pergunta para a altura do infinito.

O apelo para Deus atender as preces do homem aflito inclui também os sentimentos de tribulação daquele que está oprimido pelo sofrimento: “Contaste os passos da minha

caminhada errante, minhas lágrimas recolhes no teu odre; acaso não estão escritas no teu livro?” (Sl 56[55],9).

O motivo de recolherem as lágrimas, derramadas na aflição, visa a expressar a compunção e o vivo anseio por manter-se fiel a Deus, suportando as mais diversas agruras. Rezando com gemidos em meio à dor intensa e desfazendo-se em pranto, com lágrimas caindo gota a gota num odre, simboliza o gesto de alguém que quer apresentá-las como evidência e comprovante do heroísmo em guardar fidelidade a Deus. Referências aos atos humanos realizados em vida constam em vários livros a serem abertos no juízo final, entre os quais está o registro das obras, boas ou más, de cada pessoa (cf. Ap 20,12). É uma maneira sugestiva de inculcar, na mentalidade dos fiéis, um ensinamento de validade perene sobre a responsabilidade de seus atos perante Deus. É que os atos cometidos acompanham a pessoa durante a vida inteira, mudando-se, porém, a avaliação dos que foram perdoados por Deus.

O oráculo divino proferido no templo tem sua confirmação de autenticidade na história de Israel:

Deus falou no seu santuário:
“É com alegria que vou dividir Siquém
e vou medir o vale de Sucot.
É meu Galaad, é meu Manassés,
Efraim é o capacete da minha cabeça.
Judá é o meu cetro.
Moab é a bacia em que me lavo,
sobre a Idumeia lançarei minhas sandálias,
sobre a Filisteia cantarei vitórias” (Sl 60 [59],8-10).

Esse oráculo de vitória, vaticinado em tempos idos, tem a promessa de sua concretização no futuro. Sua validade será demonstrada no presente, apesar da aparente prova em contrário, fornecida pela situação de Israel com reduzido espaço de autonomia territorial. Deus deu a terra de Canaã em posse perpétua ao povo de Israel, sendo o reino do Norte o capacete, e o reino do Sul – pela dinastia de Davi, com

sede em Jerusalém – o cetro da nação israelita. A reconquista das províncias separadas – Moab, Idumeia e Filisteia – e de outros territórios, de um e outro lado do rio Jordão, outrora ocupados por Israel, continua sendo a meta do povo israelita, ainda que a geração atual falhe em concretizá-la. O protagonista é Deus em pessoa que intervém na história.

O salmista não tem por objetivo romantizar a sociedade agrária, mas quer conscientizar os fiéis a levar em conta o desígnio de Deus na natureza, como também no trabalho humano. Sinais da munificência divina manifestam-se na abundância de chuvas, fertilidade do solo e fartura de colheitas, que constituem os fatores indispensáveis para a subsistência do lavrador, cuja cultura e vida estão arraigadas na terra. Para a população urbana, há fatores análogos precisando da bênção divina para assegurar-lhe o sustento. Tanto as comunidades de trabalho como os grupos de vida têm um vínculo imanente com algo que os transcende: a união com Deus. A ele os homens se elevam quando se reúnem na comunidade de fé para celebrar a liturgia do louvor divino.

O Sl 68(67) é um hino solene que evoca a epopeia triunfal de Israel, entoado na solene procissão da arca da aliança. A atuação de Deus é descrita em termos de epifania cultural, que evoca a marcha dos israelitas pelo deserto, liderados pela coluna de nuvem, que, como símbolo da presença de Deus no êxodo, pairava sobre a arca. A citação da palavra de comando de Moisés, pondo em marcha o povo de Israel, pode exprimir desejo de triunfo divino ou desafio aos inimigos (Nm 10,35). Entretanto, a solene procissão, acompanhada pela narração dos episódios históricos de salvação, não tem por objetivo apenas evocar o passado, mas sim tornar sempre presente o fato da libertação da escravatura e do enriquecimento de dons salvíficos, como ação divina sempre atual, para suscitar nos fiéis da procissão a experiência existencial da presença atuante de Deus na vida.

A prece do Sl 74(73),³ é formulada como pedido insistente para que Deus venha aproximar-se das ruínas da cidade de Jerusalém, destruída após a invasão dos exércitos babilônios (em 587 a.C.). Após a destruição do santuário, havia

apenas um local provisório para acolher os fiéis, reunidos em oração: “Volta teus passos a essas ruínas sem fim: o inimigo devastou tudo no teu santuário” (Sl 74[73],3).

A vinda de Deus para intervir na vida humana acontece também no tribunal de condenação dos ímpios:

[...] mas é de Deus que vem o juízo:
é ele que abate um homem e ergue o outro.
Pois na mão do Senhor há uma taça
com vinho a fermentar, misturado com veneno.
Ele o derrama: até as fezes deverão bebê-lo,
dele vão beber todos os ímpios da terra (Sl 75[74],8-9).

Trata-se de uma advertência profética, dirigida aos fiéis para não aguardarem em vão uma solução vinda dos homens, onde quer que residam, perto ou longe, pois somente Deus é a autoridade suprema dos acontecimentos da história e supremo juiz da humanidade, por isso dele se deve esperar uma intervenção salvífica. À sentença judicial seguirá sua execução, sem direito à apelação a outra instância. Quanto à taça de vinho, oferecida ao supliciado, trata-se de um procedimento judiciário, então em voga, indicando a imediata aplicação da pena capital.

O tema da presença atuante de Deus junto aos fiéis é mencionado nos salmos não só na vinda de Deus como Salvador do Povo Eleito, mas também no contexto histórico da calamidade nacional, quando o Templo de Jerusalém foi destruído. Os salmos de protesto (Sl 44; 80; 89) são um lamento coletivo contra a presença atuante de Deus como causa principal da destruição, ao passo que os exércitos babilônios eram mera causa instrumental:

Fizeste de nós ovelhas a serem devoradas
e nos dispersaste no meio das nações (Sl 44[43],12).

Fizeste brechas em todas as suas muralhas,
reduziste a ruínas suas fortalezas.
Todos os que passam o depredam,

tornou-se um opróbrio para seus vizinhos.
 Fizeste triunfar seus adversários,
 alegraste todos os seus inimigos.
 Cegaste o corte da sua espada,
 não o sustentaste no combate (Sl 89[88],41-44).

O objetivo da iniciativa de Deus era acabar com a vinculação entre a religião do Povo Eleito e o Estado de Israel, eliminando as estruturas do Estado teocrático da nação israelita que dava respaldo e sustentação ao nacionalismo judaico. E já que judeus não queriam de modo algum que a religião se emancipasse do Estado, o próprio Deus de Israel tinha de intervir para fazer a separação entre a religião do Povo Eleito e Estado, levando os judeus ao exílio da Babilônia.¹² Pois desde sempre estava previsto na história da salvação que a religião bíblica era destinada a tornar-se a religião do Povo de Deus entre todas as nações do mundo.

A misericórdia divina em Lucas

O Evangelho de Lucas apresenta a comunidade de fé, fundada por Jesus Cristo, que integra os oprimidos pela doença, pela pobreza e pela culpa como uma das características marcantes da religião cristã. Aparece aí a intenção de São Lucas de opor-se terminantemente à opinião em voga entre os historiadores da época, nos países da cultura pagã, que sustentavam a tese segundo a qual, com os pobres, os desmilinguidos, os excluídos, a arraia-miúda, não haveria possibilidade alguma de formar uma nação soberana. Pois as instituições e autarquias estatais só poderiam sustentar-se e exercer sua influência sobre todos os setores do Estado unicamente com a colaboração de cidadãos da elite. Havia um consenso entre os habitantes dos países da cultura ocidental de então de que o direito de cidadania era base da dignidade como pessoa, de sorte que os excluídos eram desprovidos da cidadania e da dignidade. Não é de admirar que São Paulo aconselhava os cristãos de que eram portadores da fé cristã e da cultura: “Quanto ao mais, irmãos, ocupai-vos com tudo o que é verdadeiro, digno de respeito ou justo, puro,

12. Cf. O *Coro dos Escravos Hebreus*, no terceiro ato da ópera *Nabucco* de Giuseppe Verdi (*Va, pensiero, sull'ali dorate*, [Vai, pensamento, sobre asas douradas]), que se inspirou no texto desse salmo e se tornou uma música-símbolo do nacionalismo italiano da época. Disponível em: <http://www.youtube.com/embed/G_gmtO-6JnRs>.

amável ou honroso, com tudo o que é virtude ou louvável. Praticai o que de mim aprendestes e recebestes e ouvistes, ou em mim observastes. E o Deus da paz estará convosco” (Fl 4,8-9).

Cristo inculcava a doutrina sobre o sentido e o valor da vida humana, mostrando a importância da solicitude pelos enfermos, porque têm muito a ensinar-nos, e por causa disso compete à Pastoral dos Enfermos integrá-los na comunidade dos fiéis. O motivo de grande influência na vida cristã é sua espiritualidade, que consiste na *contrapartida* em paga pela oração comunitária intercedendo pelos enfermos, e por isso é muito preciosa, já que eles venceram a resignação fatalista, a reação de desespero e a revolta contra os desígnios de Deus ao rezarem com fervor pelos necessitados. Sua oração formulada por palavras insistentes inclui também os sentimentos que brotam da dor e, assim, fazem deles uma oblação pessoal a Deus. É importante notar que Deus não exige uma contrapartida pelos dons e graças que ele concede aos homens, porque procedem de sua benevolência e generosidade. Mas é no contexto da vida social que é preciso demonstrar o reconhecimento aos benfeitores. Não só a comunidade dos cristãos precisa dos fiéis quando enfermos, mas também a sociedade como um todo tem de contar com seus préstimos, embora enfraquecidos pela enfermidade, porque eles é que aprenderam a valorizar outras dimensões da vida em comum que passavam despercebidas. Em especial, é a virtude heroica que os enfermos mostram, de forma vivencial, a todos os cidadãos, sem usarem o subterfúgio de abdicar da vida sofrida pelo suicídio ou pela eutanásia, como que saindo pela porta dos fundos da vida terrestre, mas com o estigma do desespero. Pois o dom da vida é de grande valor não por alguém estar vivo, mas pelo modo como é/foi vivida. É esta vida que precisa ser devolvida ao Criador na hora do desenlace. O reconhecimento que ele dará valoriza todos os atos de quem a recebeu como dom divino.

Um aspecto muito significativo no Evangelho de Lucas é o fato de ressaltar a inserção dos pobres na comunidade cristã, a fim de valorizar sua cooperação nas fileiras da

Igreja como agentes da difusão da fé cristã no mundo. Nesse contexto, é importante o relato da missão dos discípulos na obra de evangelização nos primórdios da Igreja nascente: “Ele os enviou para anunciar o Reino de Deus e curar os enfermos. E disse-lhes: ‘Não leveis nada pelo caminho: nem cajado, nem sacola, nem pão, nem dinheiro, nem duas túnicas’ [...]” (Lc 9,2-3).

No olhar retrospectivo sobre os primórdios do Cristianismo, encontra-se esse texto que rende homenagem aos cristãos que tiveram de fugir de casa “só com a roupa do corpo”, levando o patrimônio da fé divina e os meios salvíficos da religião cristã aos outros povos. Embora tivessem saído da Palestina como fugitivos, por causa da perseguição dos judeus, não penetraram em outros países vivendo na clandestinidade, mas apareceram em público para fundar novas comunidades cristãs. Embora prófugos, não deveriam ser pregadores itinerantes, descuidando da missão de implantar comunidades cristãs. Aliás, Cristo insistia que os missionários trabalhassem por salário (cf. Mt 10,10), isto é, que fizessem contratos de trabalho por tempo determinado, evitando viver de esmolas. A motivação que os animava deu resultado. Seu mérito foi terem difundido uma religião sem ressaibos de vítima, mas com uma espiritualidade de alegria pela vitória de Cristo sobre a morte e pela glória de Cristo Ressuscitado. Seu objetivo foi propagar uma religião de extensão mundial. A estratégia da obra missionária ressaltava a participação dos fiéis oriundos do estrato social mais genérico da sociedade: os pobres. A inovação da civilização cristã, na história dos povos, não pode ser minimizada, pois o Cristianismo deu uma guinada radical na implantação da civilização e na solução do problema da escravatura. Não foi por uma revolução social entre as classes oprimidas, mas pela implantação de um relacionamento novo entre os homens, baseado no amor, à luz do tipo de relação do homem com Deus. Cristo apregoou a universalidade de uma qualidade inerente na natureza humana ao designar cada pessoa como “próximo”. Dessarte, tornam-se obsoletas as barreiras discriminatórias entre as classes sociais. A partir

13. O adjunto adnominal “espírito” é acrescentado à palavra “pobres”. Esse adjunto está no dativo em grego, com função de “dativo de interesse” (a serviço de). A locução prepositiva “estar a serviço de” indica uma situação em estado ativo ou passivo, em postura, circunstância ou condição. Daí que a situação dos “pobres” não provinha de um voto ou ideal religioso, mas do fato de serem refugiados em país estrangeiro. Cf. ZERWICK, M. *Biblical Greek*. English edition adapted from the fourth edition by J. Smith, sj. Rome: Pontifical Biblical Institute Press, 1963. nn. 51-65. É de notar que a palavra “Espírito” tem maiúscula porque designa o Espírito Santo.

14. Cf. Os diversos tipos de religião: 1ª) *religiões de integração* (povos primitivos, siberianos, ameríndios, indígenas

das comunidades cristãs é que se difundiram os valores da civilização no mundo social greco-romano, e penetraram nas massas populares, ao verem grupos sociais nos quais era abolida a escravatura. É bom lembrar que no mundo social greco-romano havia cento e vinte milhões de escravos a serviço de cinco milhões de patrões. Notável é a influência do Cristianismo no Império Romano, infiltrando-se em todas as camadas sociais pela conversão dos cidadãos aos princípios da fé e da religião cristã.

No Evangelho de Mateus, encontra-se uma referência à situação dos cristãos refugiados em países fora da Palestina, engajados na difusão da fé cristã e na implantação de comunidades de fiéis apesar de sua condição de pobres. A motivação de sua vivência da fé provinha da ação do Espírito de Deus. Por isso São Mateus designa-os “pobres de espírito”,¹³ para ressaltar que estavam *a serviço do Espírito*, em vista do Reino dos Céus (cf. Mt 5,3). Não se trata de apregoar, com a bem-aventurança, a “virtude da pobreza” como condição para seguir Cristo, vivendo uma vida de despreendimento de bens temporais e atendendo às exigências da ascese cristã. Igualmente, não se visa a inculcar a exemplaridade evangélica da pobreza como um dos caminhos da perfeição em solidariedade com Cristo. Em contraste com outros fugitivos que procuravam recuperar os bens temporais indo em busca de riqueza, os cristãos assumiram o compromisso de prosseguir no caminho da religião cristã, prestando sua colaboração numa ação conjunta com o Espírito e na expectativa da grande recompensa no céu (cf. Mt 5,12). Nesse sentido, são lembrados na história da Igreja nascente como “pobres a serviço do Espírito”, os protótipos dos missionários cristãos.

Traço marcante do Evangelho de Lucas é a fundamentação da religião cristã como instituição da salvação divina e não meramente como movimento de religiosidade. Nesse contexto religioso, tem relevância toda especial a iniciativa de Cristo de estabelecer os critérios da *religião de salvação*.¹⁴ É que no mundo semita da Antiguidade vigorava a divisão do globo terrestre em áreas habitadas e áreas de risco. Ora, as áreas de risco eram tidas como postos avançados da morte:

alto-mar, deserto, cemitério e doença. Ninguém se aventurava a demorar ali por causa do ambiente nocivo que ameaçava a vida humana não somente devido à periculosidade das forças naturais nefastas, mas principalmente devido à presença maléfica dos demônios que rondavam por lá. É que, segundo a superstição, essas áreas de risco eram impenetráveis ao domínio de Deus, por isso estavam à mercê da influência dos demônios, que as infestavam à procura de almas para devorar. Daí que Cristo, como Salvador, ostensivamente entrava em contato com todas essas áreas de risco: “alto-mar” (cf. Lc 8,24); “deserto” (cf. Lc 4,1-13); “cemitério”: cura do endemoninhado (cf. Lc 8,26-39); “doença”: cura dos doentes (cf. Lc 4,40-41; 7,11-17; 9,37-43).

Conclusão

As tradições milenares das religiões bíblicas, sem excluir as terapias orientais de aliviar as dores corporais e psíquicas, interpretam o sofrimento com sua sabedoria peculiar. A Igreja possui – desde sua tradição mais venerável – “um sacramento dos enfermos”, expressão litúrgica da comunidade cristã em solidariedade com os que sofrem. Mais significativa em todas as situações dolorosas da humanidade é a vida de Jesus Cristo, que “assumiu as nossas dores e carregou as nossas enfermidades” (Mt 8,17). É o homem das dores porque é o libertador de todo sofrimento. A experiência da fé, quando realmente verificada na vida, fundamenta-se na esperança do Ressuscitado: “No mundo” – diz-nos Jesus – “tereis aflições. Mas tende coragem! Eu venci o mundo” (Jo 16,33).

brasileiros, oceânicos, australianos, africanos); 2ª) *religiões de servidão* (antigo Egito, Mesopotâmia, indo-europeus: celtas, eslavos, germanos, gregos, romanos, semitas: cananeus, antiga China, Japão, astecas, maias, incas); 3ª) *religiões de libertação* (de Mani, gnosticismo, antiga Índia, Hinduísmo, Budismo, Jainismo, Budismo chinês, Budismo japonês, Budismo tibetano, Confucionismo); 4ª) *religiões de salvação* (Masdeísmo, de Israel, Cristianismo, Islamismo). Cf. PIAZZA, W. O. *Religiões da humanidade*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1991. Quanto ao Islamismo, é importante notar que a religião muçulmana do Talibã incorporou elementos extrínsecos que modificaram profundamente a própria religião. Originou-se da iniciativa dos líderes que são os “imames”

semianalfabetos, vindos das montanhas. Esses líderes infiltraram-se na cidade de Cabul, capital do Afeganistão (em 1994). São esses os mestres do ensino islâmico, que alteraram essencialmente a própria tradição muçulmana, mudando a *religião de salvação* em *religião de servidão*, inspirada por uma só ideia: a ira de Alá. Concentram-se apenas nas passagens ultra-agressivas dos “Versículos da Espada”, inseridos no Alcorão, e juntando alguns parágrafos truncados do mesmo teor. Fora disso, os estudantes conhecem apenas uma coisa: guerra. Imbuídos dessa mentalidade, têm diante de si o perfil de Alá como justiceiro e vingador.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Somos conscientes que a saúde é dom de Deus, que precisa da solicitude de familiares e profissionais de medicina para manter-se em vigor?
2. A nossa Comunidade Religiosa tem se empenhado realmente na recuperação dos enfermos, enquanto obra de verdadeira misericórdia e amor fraterno?
3. Encaramos a doença como sendo o início para um novo surto de energias e virtudes ou como uma etapa da vida a ser descartada?

A re-significação da formação permanente, a identidade presbiteral e a identidade do religioso presbítero*

155

JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO**

Questões de base de uma metamorfose na formação

Já estamos acostumados com a consagrada expressão do número 44 do *Documento de Aparecida (DAp)* “vivemos uma mudança de época”. O Encontro Nacional de Presbíteros (ENP) de 1987 já estava preocupado com tais mudanças. A questão era intuída como uma “nova colonização cultural pela imposição de culturas artificiais” (*DAp*, n. 46), com a supervalorização do *indivíduo*, do *estético*, do *consumo* e dos *direitos individuais e subjetivos* (cf. *DAp*, nn. 45-47). A pergunta, então, é a seguinte: *o que isso tem a ver com nossa identidade de religiosos presbíteros e nossa identidade, enquanto presbíteros, com a formação permanente?* Ressalvo que não é a mesma coisa dizer identidade presbiteral e identidade do presbítero.¹ Aos poucos, iremos destacando essa diferença.

Para responder a essa pergunta, precisamos saber ler o intertexto de tão complexa malha cultural que envolve a identidade humana hoje. Se foi possível definir o ser humano como um animal racional até ontem, hoje nos perguntamos: o que é ser racional? Na linha do pensamento contemporâneo da subjetividade, é possível imaginar um *avatar* cuja conexão conosco nos mantém num contínuo processo de *re-significação*. Por conseguinte, os rostos presbiteral e do presbítero definem-se e *re-definem-se* numa grande onda de *des-organização* da própria sociedade e da caminhada da Igreja pós-conciliar e seus desdobramentos na América Latina, sobretudo no Brasil.²

* Palestra proferida ao clero de Manaus no dia 27 de agosto de 2010.

** **João da Silva Mendonça Filho** é padre salesiano, mestre em Educação. Pós-graduado em Educação Sexual e em Comunicação. Atualmente, é pároco em Manaus-AM. **Endereço do autor:** Paróquia São José Operário, Rua Paracuúba, 178, São José 1, CEP 69085-210, Manaus-AM.

E-mail: pe.Mendonca@hotmail.com.

1. BENEDITO DOS SANTOS, Jésus. *O presbítero católico, uma identidade em transformação*. p. 27-50.

2. No Brasil, os modelos de presbíteros podem ser assim definidos ao longo das décadas:

156

- De 1960 a 1970
– A partir do Concílio Vaticano II, surgiu um padre despojado das vestes sagradas, das insígnias, dos privilégios e do poder sobre a sociedade. Foi a época da busca da identidade. O que dizes de ti mesmo? Padre, quem és?
- De 1970 a 1980
– A partir da concepção de uma Igreja toda ministerial e evangelizadora, o presbítero tornou-se o ministério da síntese como animador de carismas e ministérios, na linha da *Lumen Gentium*. A pergunta foi: Padre, o que fazes? Onde te colocas?
- De 1980 a 1990 –
Surgiu o grande apelo à espiritualidade presbiteral. A pergunta fundamental era: Padre, como vives? O que te sustenta no teu ministério?
- De 1990 a 2000
– Com o reforço da *Pastores Dabo Vobis*, o acento

O que significa, portanto, saber aprender continuamente sem perder a essencialidade, não obstante as metamorfoses do tempo? É necessário pensar. “Uma Igreja que não pensa”, diz o Padre Zezinho, “dá o que pensar”.³ Parafraseando, ousou dizer: um clero que não pensa, dá o que falar. Dá para falar da mesmice que nos empobrece, da banalização do sagrado que nos seculariza, das acrobacias litúrgicas que nos estressam, do autoritarismo que nos deixa sozinhos, da perda de credibilidade entre nós e do povo para conosco, do neoclericalismo como uma forma de autoafirmação etc. Trata-se de uma associação de mudanças oriundas das *novas tecnologias, da globalização e da aceleração do tempo e da história*. Também, é justo reconhecer, dá para falar do zelo apostólico de tantos irmãos presbíteros, da fidelidade ao ministério nas alegrias e tristezas, da capacidade de trabalhar em equipe e com o protagonismo dos leigos, da ousadia profética de denunciar as ciladas do mal presente na sociedade e na Igreja, da crescente fraternidade presbiteral, do espírito missionário. Ressalto o pensamento do teólogo Paulo Suess sobre o *padre elementar*, exatamente na linha do que acabamos de dizer: “O padre elementar tem bom senso, prioriza as tarefas e elementiza a fé no meio das descrenças, diz com poucos palavras as razões de sua esperança, abraça o que o mundo considera descartável. Relaciona-se bem com as pessoas, com Deus e com a Igreja”.⁴ O que, então, muda ou mudou e afeta a formação inicial e permanente? Cabe, mesmo, a pergunta feita numa pesquisa pedida pelos ENPs: *Padre, você é feliz?*⁵

Os âmbitos da metamorfose da formação permanente

1. *Mudou o imaginário individual*: quer dizer, a capacidade de sonhar e o cenário do sonho. Isso mudou. Em outras palavras: mudou o ser padre (identidade do presbítero) e deverá mudar, pela força dos fatos, a essencialidade do padre (identidade presbiteral). O discurso tradicional que lemos e ouvimos durante o Ano Sacerdotal não ecoou como se esperava, exatamente porque mudaram os paradigmas.

Estamos de cheio na era pós-convencional e pós-metafísica. Perguntemos, então, sobre os *modelos de padres*. Quais são os modelos que impactam hoje? Qual é o sonho do seminarista e o cenário no qual ele sonha?

2. *Mudou o imaginário coletivo*: ou seja, a banalização do sagrado enquanto espaço, pessoas e objetos.⁶ O mito está em crise, por conseguinte, a natureza do mito também. Mircea Eliade diz que o “mito conta uma história”, é sempre a narração de uma criação.⁷ A identidade presbiteral sofre uma *re-criação*, consequentemente o ser presbítero necessariamente sofrerá um novo nascimento no coletivo. Esse coletivo é tanto a sociedade como cenário do grande teatro da narração, como também nossas pessoas enquanto personagens desse relato. Muda dentro de nós, dia a dia, a concepção de ser presbítero. Urge, portanto, aprender a pensar num mundo complexo, quer dizer, “saber que há um todo uno e homogêneo, sob o ângulo do todo, mas diverso e heterogêneo, sob o aspecto das partes. Esse todo é composto por partes diversas inter-relacionadas”.⁸ Não podemos reduzir o todo às partes; muito menos as partes ao todo. São as unidades múltiplas.
3. *Mudou a ficção*: em outras palavras, a literatura e a arte que sempre falaram do presbítero mudaram. As narrativas que se repetem não conseguem mais atrair como outrora e a novidade ainda é obscura. Entretanto, há uma mudança da época presbiteral em andamento, cuja formação ainda não despertou para o problema ou acorda tonta e sem rumos na escuridão. Libanio chama a nossa atenção para aprender a ser,⁹ ou seja, sair do extremismo do puro emocional e da desvalorização da razão ou vice-versa. Trata-se de saber ver integralmente a pessoa do presbítero: espírito e corpo. Da conjugação do ser e do ter, da beleza, do ético, da verdade, do bem e da Transcendência.

Então, o *modelo presbiteral*, a *relação com o sagrado* e as narrativas que expressam uma forma de ser no mundo estão se *re-definindo*. A metamorfose acontece no ver a partir do mito. Daí o surgir, sobretudo a partir do ano 2000, de um “novo clero”, mesmo que com traços do antigo: mais centralizador,

caiu sobre o sinal sacramento que o presbítero deveria ser – Cristo cabeça. Na eclesiologia da Igreja mistério, comunhão e missão, a pergunta articulada era: Padre, qual é o sentido de tua vida e missão? De quem és sinal?

- De 2000 a 2009 – Surgiram modelos de padres mais *lights*, preocupados com a realização pessoal e forte tendência tradicionalista, com o retorno das insígnias, dos privilégios, de uma vivência mais espiritualizada e menos comprometida com as questões pastorais e sociais. A pergunta suscita: Padre, com quem caminhas, com a Instituição ou com o povo?

Evidentemente, para entender o desenvolvimento da identidade do presbítero no Brasil, sem cair em generalizações, é necessário recorrer aos quinhentos anos de história do Brasil,

158

mas este é um tema para outra conversa. Cf. BENEDITO DOS SANTOS, *O presbítero católico...*, p. 150-152.

3. PADRE ZE-ZINHO. Por uma Igreja que pensa.

4. SUESS, Paulo. *Memória, discernimento, compromisso: comunhão e missão presbiteral ontem e hoje*. p. 27.

5. VALLE, Edênio (org.). *Padre, você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros no Brasil*.

Uma abordagem italiana realizada por uma socióloga no clero de Roma também detectou alguns elementos dessa realidade psicossocial: cf.

CAZORA RUSSO, Gaetana. *Essere sacerdote in un mondo che cambia*.

burocrático e com pouca expressão cultural. Em consequência, está a conexão com o *avatar* que supera em qualidade o real, mas não sobrevive sem este. O papel, portanto, da formação permanente é saber ler o intertexto que aí se produz. Para início de conversa, faz-se urgente entender que as leis e os dogmas só poderão ajudar se entendermos suas narrativas, senão serão transgredidos sem nenhum pudor. Quanto mais temos leis, com maior facilidade as transgredimos. Por isso, aqui retorno a Libanio, o saber conhecer e pensar é fundamental, pois a conexão do conhecimento com o momento presente (sincrônico) e sua formação na história (diacrônico) possibilita-nos a organização mental da transversalidade e a articulação do pensar. Por conseguinte, *problematizar* é preciso. Escreve o mesmo Libanio:

Triste é encontrar pessoas [jovens ou adultos] cansadas, abúlicas, obtusas, céticas, desiludidas, que se trancam na impossibilidade de perguntar-se. Vivem dentro da banal certeza de uma vida empobrecida sem curiosidade da mente. A dúvida verdadeira brota de uma inteligência que percebe a complexidade da realidade e a pequenez de suas respostas.¹⁰

De forma contundente, surge o empenho de ver-nos dentro das obras literárias e da arte, mesmo que elas não falem explicitamente de nós.

Novo contexto da formação permanente

Qual é o contexto da formação quer inicial, quer permanente? As narrativas dizem-nos que desde o início da identificação com o modelo presbiteral o jovem candidato precisa entrar num processo de permanente formação, quer dizer, dentro de um dinamismo que abre horizontes, forma para a vida e gera pessoas significativas. Vale, portanto, o dito de que dentro de cada seminarista há um padre escondido. Assim, também, como dentro de cada presbítero existe um bispo em potencial. Dá-se, desse modo, a contínua *re-significação* da essencialidade do ministério: natureza, identidade e missão. Com a dosagem necessária do imaginário social e eclesialístico

subjacente. Por isso a Igreja insiste em dizer que “o próprio candidato ao sacerdócio deve ser considerado protagonista *necessário e insubstituível* na sua formação: [...] *autoformação*” (*Pastores Dabo Vobis [PDV]*, n. 69).

Entretanto, o candidato não está sozinho nesse processo. Ele conta com a Igreja, ou seja, o *sujeito comunitário* que acompanha. Ela é memória e sacramento da ação de Jesus Cristo no meio de nós (cf. *PDV*, n. 65). Contudo, nesse corpo eclesial o *bispo* é o representante de Cristo na formação dos padres, seja ela inicial, seja permanente. Outra realidade formativa é a comunidade educativa do seminário como equipe que acompanha os processos, realiza as narrativas e *re-significa* o imaginário mitológico da identidade presbiteral e do presbítero (*PDV*, n. 66). Contudo, é imprescindível que o bispo zele pela formação dos formadores.

João Paulo II deixou claro na exortação *Pastores Dabo Vobis* que existe uma razão teológica para a formação permanente, pela força do “dom de Deus recebido” (cf. 2Tm 1,6). É preciso cuidar de si mesmo para cuidar dos outros, quer dizer, “reanimar este dom” a partir da *caridade pastoral* (*PDV*, n. 70). É esta caridade que motiva o presbítero a aprofundar as novas narrativas, a complexidade do mundo e da missão, a ser sensível às esperanças e angústias do povo. Trata-se, pois, de uma “*exigência intrínseca ao próprio ministério*”.

Não é de menos recordar que por esse reanimar passa a *dimensão humana* que nos torna homens mais sensíveis às realidades do cotidiano. É também na *dimensão espiritual* que nos configura a Cristo. É formação *intelectual* no aprendizado teológico, pastoral e nas especializações daí decorrentes. Também é *pastoral*, fruto da caridade, dom e tarefa a ser aperfeiçoada no contato com o Povo de Deus (cf. *PDV*, n. 72).

A formação permanente recorda-nos que somos homens de fé e precisamos crescer sempre mais nesse aspecto. Somos, na Igreja, homens de comunhão e partilha, irmãos entre irmãos e irmãs. Essa consciência precisa amadurecer segundo nossas idades e vivências para sermos de fato *imagens do Cristo Pastor* (cf. *PDV*, n. 73). Concretamente, o

6. LIBANIO, João Batista. *As lógicas da cidade, o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. p. 27ss.

7. ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. p. 84-85.

8. LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. p. 37.

9. Id., *As lógicas da cidade...*, p. 77ss.

10. Ibid., p. 24.

padre é o homem da comunhão com o povo, com o presbítero, com o bispo, com religiosos e religiosas.

Nesse processo de formação a solidão é um elemento importante da vida do presbítero. João Paulo II escreveu na *Pastores Dabo Vobis* (n. 75):

Uma certa forma de solidão é elemento necessário para a formação permanente. Jesus sabia retirar-se por vezes, para orar sozinho (cf. Mt 14,23). A capacidade de aguentar uma boa solidão é condição indispensável para o cuidado da vida interior. Trata-se de uma solidão habitada pela presença do Senhor, que, na luz do Espírito Santo, nos põe em contato com o Pai. Neste sentido, a procura do silêncio e de espaços e tempos de “deserto” é necessária à formação permanente, quer no campo intelectual, quer no campo espiritual e pastoral. Neste sentido ainda, pode-se afirmar que não é capaz de verdadeira e fraterna comunhão quem não sabe viver bem a própria solidão.

As idades da vida e vivências da formação permanente¹¹

11. Para elaborar esta tabela contei com a indicação dos seguintes autores e suas respectivas obras: JOÃO PAULO II. *Pastores Dabo Vobis*, nn. 77-80; MENDONÇA FILHO, João da Silva. *As idades da vida na vida religiosa, vivência humana e espiritual*. p. 38-67; FAVALE Agostino. *I presbiteri, identità, missione, spiritualità e formazione permanente*. p. 348-360.

Idades	Níveis de responsabilidades	Acompanhamento formativo	Riscos
1ª Jovens padres +/- 27-35 anos	<ul style="list-style-type: none">• Internalização do conhecimento recebido nos estudos teológicos;• Assumir a missão presbiterial no contato direto com o povo: sonho e cenário;• Inserção no presbitério e corresponsabilidade com os irmãos presbíteros: narrativas;• Maior criatividade, busca de fecundidade, iniciativa pastoral e intelectual.	<ul style="list-style-type: none">• Os primeiros cinco anos devem ser de reflexão teológico-pastoral prática em sintonia com outros;• Possibilidade de especialização;• Cuidado de si: saúde do corpo, do espírito e da mente.	<ul style="list-style-type: none">• Assumir cargos de muita responsabilidade;• Ter diversas atividades ao mesmo tempo;• Estresse crônico que gera incapacidade diante de novas responsabilidades.

<p>2ª Padres de meia-idade +/- 35-55 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Assumir cargos de governo e administração dos conflitos dos outros; • Período em que começa a maturidade para guiar outros; • Melhora na autoestima. 	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliar a capacidade de escuta, trabalho em equipe; • Favorecer encontros que fortaleçam a consciência do ser presbítero; • Participar de cursos de atualização bíblica, teológica e pastoral, semanas de estudos, conferências; • Possibilidade de acompanhamento psicológico e pedagógico em vista da missão; • Formação em técnicas de comunicação; • Cuidado de si: corpo e mente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Concentração de poder: autoritarismo, clericalismo; • Crise do lobo – diabo do meridiano – O que fiz? Quais resultados? • Perder o entusiasmo inicial; • A busca da eficiência ofusca a eficácia.
<p>3ª Padres de idade madura +/- 55-75 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Os estudos devem ajudar na coerência de vida e na paixão pela missão; • Tenha possibilidade de apostolado e exercício de sua competência pastoral no encontro com as pessoas e testemunho da caridade; • Manter a mente aberta para o novo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Possibilidade de contato com as novas gerações de presbíteros; • Manter ritmo de leitura; • Melhorar o nível de empenho apostólico e espiritual; • Aprender a envelhecer serenamente; • Cuidado de si: mente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser deixado à margem da vida eclesial; • Sentir-se superado.
<p>4ª Padres de idade avançada +/- 75 anos</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Receber estímulos para colaborar com novas frentes de apostolado, segundo a saúde; • Contato com as novas gerações de presbíteros; • Reduzir atividades externas e dedicação à pastoral do acompanhamento. 	<ul style="list-style-type: none"> • Ser sustentado na alegria do Dom recebido: [...] “completo, na minha carne, o que falta às tribulações de Cristo, em favor do seu Corpo que é a Igreja” (Cl 1,24); • Cuidado de si: saber aceitar a debilidade física e o cansaço com naturalidade; • Aceitar a morte como fidelidade ao Dom recebido: união plena com Deus. 	<ul style="list-style-type: none"> • Evitar o isolamento da comunidade eclesial e do presbitério.

Conclusão

Perspectivas para o ministério nesta metamorfose¹²

Para concluir estas reflexões, apresento de forma sintética os valores que acredito sejam importantes para o padre de hoje e de amanhã como testemunho de fé, esperança e caridade:

1. *Vivência genuína da fé partilhada*: a fé é um dom recebido que se aprofunda na medida em que sabemos partilhar. O padre não pode esquecer-se de que precisa aprender a partilhar a fé recebida. Nada é mais forte na vida de um cristão do que a gratidão. Deus é gratuidade ao nos presentear a fé, nós somos gratidão na partilha.
2. *Abertura às pessoas, aos jovens e ao mundo*: a capacidade de relacionar-se com todos, sobretudo os mais frágeis, é fundamental para o padre. Num mundo marcado pela velocidade, às vezes perdemos a dimensão do outro, da importância que o outro exerce em nossas vidas. O padre deve estar atento para não perder esse dinamismo importante: ser homem de relações profundas com todos, sobretudo com os jovens. O mundo, assim, abre-se ao padre com toda sua energia, e o padre abre-se ao mundo para transformá-lo.
3. *Viver a riqueza das relações fraternas com todos*: ser pessoa de relações fraternas, de laços de comunhão e solidariedade, eis um dos empenhos do padre de hoje e de amanhã. É fácil romper laços, criar divisões e alimentar o ódio. O padre é o homem da comunhão, a partir da Eucaristia ele se torna o que celebra, doação aos outros, assim como Cristo. Portanto, ser capaz de manter relações profundas é uma missão fundamental do padre.
4. *Seguir Jesus Cristo na gratuidade do Dom recebido*: a vocação é um dom que o padre recebe pela pura gratuidade de Deus que chama. Nós não escolhemos seguir a Deus no ministério presbiteral, é ele que nos escolhe e atrai a partir dos fatos, das pessoas e da sua Palavra. Portanto,

12. O texto inspirador pode ser encontrado em: VALLE, *Padre, você é feliz?*..., p. 138-139.

nossa vocação é pura gratidão. Trata-se de uma vida que se doa a cada dia para que o mundo creia. O padre é um discípulo missionário que faz caminhos em comunhão com o povo. O ministro de hoje e de amanhã será feliz na medida em que souber doar a vida para que outros tenham vida em abundância.

5. *Não seja um funcionário de Deus, mas servidor de Deus*: às vezes, temos a impressão de que alguns padres perdem o entusiasmo inicial. Perdem as razões daquele primeiro amor e tornam-se meros funcionários do poder entregues aos trabalhos burocráticos, a um clericalismo selvagem, ao distanciamento do povo. Por isso, é importante dizer que o padre de hoje e de amanhã precisa recuperar a paixão por Deus, a quem serve, e ao povo, ao qual se doa sem medidas.
6. Paciência histórica para semear, regar, adubar, cuidar e colher resultados: Deus é paciente conosco. O padre, a exemplo do amor compassivo de Deus, deve ser homem paciente, sobretudo com os mais pobres. Esperar contra toda esperança, semear onde ninguém acredita que é possível gerar vida, erguer os caídos, curar os doentes, libertar os presos. Para tanto, o padre precisa ter paciência e credibilidade no ser humano.

Bibliografia

- BENEDITO DOS SANTOS, Jésus. *O presbítero católico, uma identidade em transformação*. Aparecida: Santuário, 2010.
- CAZORA RUSSO, Gaetana. *Essere sacerdote in un mondo che cambia*. Milano: Franco Angeli, 1994.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano, a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAVALE, Agostino. *I presbiteri, identità, missione, spiritualità e formazione permanente*. Torino: ElleDiCi, 1999.
- JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores Dabo Vobis*, sobre a formação dos sacerdotes. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis_po.html>.

- LIBANIO, João Batista. *A arte de formar-se*. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. *As lógicas da cidade, o impacto sobre a fé e sob o impacto da fé*. São Paulo: Loyola, 2001.
- MENDONÇA FILHO, João da Silva. *As idades da vida na vida religiosa, vivência humana e espiritual*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PADRE ZEZINHO. Por uma Igreja que pensa. *O Lutador*, jun./jul. 2010, p. 33.
- SUESS, Paulo. *Memória, discernimento, compromisso: comunhão e missão presbiteral ontem e hoje*. Palestra proferida no 13º Encontro Nacional de Presbíteros, 3-4 de fevereiro de 2010, Itaici-SP.
- VALLE, Edênio (org.). *Padre, você é feliz? Uma sondagem psicossocial sobre a realização pessoal dos presbíteros no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2004.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Como entender a formação permanente no contexto da provisoriedade?
2. O medo de envelhecer, tão marcante na sociedade da liquidez, pode contribuir para uma mentalidade infantil da pessoa consagrada?
3. A Igreja é o sujeito comunitário que acompanha o processo formativo ao longo da vida. Como podemos contribuir, nas instâncias de animação e de governo, para esta ação formativa?

A representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa: uma reflexão provocadora no mundo contemporâneo

165

MARIA ELIANE AZEVEDO DA SILVA*

A temática “geracional” é constituinte da existência humana e apresenta-se para além de dados cronológicos, emergindo de uma conceituação histórica e experiencial na construção de vínculos afetivos que fortalecem o sentido de pertencimento e comprometimento com a construção de relações saudáveis, propiciando uma “leveza institucional”. *Quem é o ser humano? Qual é a nossa consciência geracional? Como fazer a travessia da vida entre as diferentes relações e gerações no mundo contemporâneo?*

Segundo o dicionário *Aurélio*, representação refere-se ao conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento. No *Dicionário de Psicologia Dorsch* (2001), a representação refere-se a todos os conteúdos psíquicos sensíveis, que são imagens recordativas das percepções. As representações sociais, na visão de Moscovici (1981), referem-se a um conjunto de conceitos, frases e explicações originadas na vida diária durante o curso das comunicações interpessoais. Do ponto de vista dinâmico, a representação social, para além de teoria, apresenta-se como “uma ‘rede’ de ideias, metáforas e imagens, mais ou menos livremente ligadas umas às outras” (Moscovici, 2000, p. 153). As representações sociais são construídas através da interação social, questão defendida por Lane (1985): o ser humano é resultado de uma totalidade histórico-social e para sobreviver precisa relacionar-se com os demais seres humanos, utilizando-se da linguagem como mediadora entre o indivíduo e o mundo.

* **Maria Eliane Azevedo da Silva** é religiosa Missionária do Sagrado Coração de Jesus, psicóloga, pedagoga e mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP, com atuação em clínica psicológica e assessoria para instituições educacionais e religiosas.
Endereço da autora: Rua Capitão Cavalcanti, 51, Vila Mariana, CEP 04017-000, São Paulo-SP.
E-mail: elianeaz2010@hotmail.com.

A representação psíquica e social citada neste texto refere-se a um processo dinâmico, pelo qual o ser humano organiza o seu conhecimento a partir da percepção da realidade, das experiências vividas na interação com as outras pessoas, possibilitando compreender o mundo, atribuir significado à realidade e assumir uma ação no meio social.

Nessa visão, o processo de representar psiquicamente algo do vivido é resultante da interação social dos indivíduos em um determinado contexto, o que constitui o ser humano como um ser-em-relação.

Acredito que a representação psíquica e social das gerações na Vida Religiosa é uma temática provocadora de uma reflexão inicial para o “acontecer” de mudanças transformacionais, reavivando o amor e a profecia das pessoas na Vida Religiosa, inseridas em um mundo de profundas mudanças e das chamadas gerações – Geração dos *tradicionais* ou *Belle Époque*; Geração *Baby Boomer*; Gerações *X, Y, Z, M e Alfa*. Uma consciência geracional precisa emergir, despertando-nos para uma Geração *Humanizada e Humanizadora* (na família, nas Instituições religiosas, nas empresas e em diversos contextos), capaz de olhar para o passado e o presente com o foco no médio e longo prazo, priorizando a humanização das relações e as ações geradoras de vida no presente e no futuro.

1. Narrativas no Livro do Êxodo

Creio que uma reflexão inicial sobre as palavras “tradição”, “mudança”, “inovação”, “transformação”, “comprometimento” e “empreendedorismo” pode contribuir para uma maior compreensão da representação psíquica e social das diferentes gerações e das suas relações. Inspirada na palestra de João Batista Libanio no Congresso Estadual de Educação 2011, realizado pela Associação Nacional de Educação Católica do Brasil (ANEC) em São Paulo, procurei elaborar uma breve sistematização de alguns pressupostos iniciais:

- *Tradição* – Em latim: *traditio*, *tradere* – significa “entregar” e, em grego, refere-se à transmissão de práticas ou de valores de geração em geração. Assim, pode-se entender a tradição como um ato de transmissão de algo do passado para o presente, no sentido de continuidade.

Para Palácios (2007), a “memória” do passado está ligada a uma experiência de vida que se vai acumulando e que se transmite de “geração em geração”. A tradição como memória viva faz-nos viver e desafia-nos para a responsabilidade com o presente e o futuro. Dessa maneira, podemos compreender e “assumir a tradição como um fato humano e histórico – experiência acumulada de sentido e de valores – no qual cada geração ocupa um lugar próprio e tem sua função” (p. 32).

A tradição é memória viva e ativa quando carrega em si a semente da mudança, inovação, transformação, comprometimento e empreendedorismo diante da realidade em que vivemos. Uma tradição sem essas características não é tradição e torna-se tradicionalismo, no sentido de congelamento em conteúdos e práticas do passado que não respondem mais aos desafios e exigências atuais.

- *Mudança* – Esta palavra remete-nos a um movimento, no sentido de sair de um estado ou situação para outro – um ato de mudar. A mudança carrega em si a transitividade. Heráclito, filósofo grego, há mais de vinte e cinco séculos já falava de mudanças, referindo-se à “unidade dos opostos”, enfatizando o caráter mutável da realidade. A realidade contém instabilidades, provoca conflitos, os quais são necessários para que as mudanças aconteçam em prol da construção da unidade na diversidade. Assim, podemos retomar a frase de Heráclito “Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti”. A compreensão desse pensamento, de forma objetiva, aponta para a leitura de que não podemos tomar banho duas vezes no mesmo rio, porque na segunda vez o rio não será mais o mesmo, pois a água do momento presente é outra.

- *Inovação* – O prefixo “in” aponta para seguir em frente. Inovação vem do verbo inovar, que está relacionado à ação de criar alguma coisa nova, assumindo as contribuições provenientes da transmissão de valores e práticas do passado, rompendo esquemas tradicionalistas, considerando a realidade presente e arriscando em novos projetos na perspectiva de futuro.
- *Transformação* – Ato ou efeito de transformar, modificar. O prefixo “trans” se refere a um “movimento para além de”. Assim, a transformação vai além de uma mudança, no sentido de sair de uma situação ou lugar para outro. Lembremos que mudanças podem ocorrer, mas nem sempre elas correspondem às transformações internas e externas.
- *Comprometimento e empreendedorismo* – Comprometimento está relacionado a uma visão compartilhada e assumida responsabilmente por uma pessoa e um grupo de pessoas. Empreendedorismo é uma palavra muito utilizada nos tempos atuais, a qual aponta uma ação para assegurar o alcance dos objetivos propostos.

A partir dessas premissas, penso que a narrativa bíblica, no texto de Ex 14, retrata uma trajetória de cinco posicionamentos diferentes diante da realidade:

- *VOLTAR* – “Pois os egípcios que hoje estais vendo, nunca mais os tornareis a ver” (Ex 14,13). Geração constituída por pessoas que revelam uma visão estreita, limitada diante da realidade, estão agarradas à “tradição” no sentido de permanecer no passado e em esquemas mentais de outras épocas, sem coragem para dar um passo a frente. Prevalece a insegurança diante do novo, o conformismo e a repetição do passado. De acordo com um pensamento limitado, precisa-se de pessoas para a manutenção de uma “prestação de serviços”.
- *LUTAR* – “O Senhor combaterá por vós” (Ex 14,14). Geração centralizada nos ideais, acredita que pode transformar o pensamento e o lugar estreito em algo mais amplo. As pessoas acreditam na tradição como um

valor de transmissão cultural do passado que se transforma em presente. Prevalece o desejo de lutar, os ideais. Precisa-se de pessoas para alimentar o ideal de lutar e permanecer vivos.

- **JOGAR-SE AO MAR** – “Não temais! Permanecei firmes e vereis a vitória que o Senhor hoje vos dará” (Ex 14,13). Geração dos que se desesperam diante da realidade, sem a coragem para voltarem ao lugar estreito ou para seguirem para um lugar mais amplo. Pessoas que se angustiam com a realidade, têm forte apego à tradição e, assim, os desafios da inovação são assustadores. Prevalece ansiedade, medo, impotência, não sabendo o que fazer no presente. Precisa-se de pessoas para a não extinção.
- **ORAR** – “Por que clamas a mim por socorro?” (Ex 14,15). Geração dos que ficam esperando que Deus faça alguma coisa e permanecem na reprodução do lugar estreito. Pessoas desejosas da solução em Deus, mas que nada fazem para alcançar os objetivos. Prevalece uma espera passiva em Deus. Precisa-se de pessoas para a unidade em oração e busca da vontade de Deus, sem comprometimento pessoal e comunitário.
- **AVANÇAR** – “Dize aos israelitas que se ponham em marcha. Quanto a ti, ergue a tua vara, estende a mão sobre o mar [...]” (Ex 14,15-16). Geração dos que se colocam em marcha, são atravessados pela realidade e caminham para frente. Pessoas que rompem, enfrentam as adversidades, transformando-as em oportunidades, são comprometidas com mudanças transformadoras e inovadoras. Prevalece a coragem e a capacidade de empreender novas ações. Geração sempre “avante”. Precisa-se de pessoas que avancem na formação de redes, no rompimento de pensamentos individualistas; capazes da realização de ações que revelem uma presença qualificada e comprometida com relações humanizadoras. Esta é uma geração de fé, desenvolvendo a consciência do *para que* e do *para onde* “marchar” ou “avançar.

Uma questão para reflexão: Em que geração eu me encontro?

2. *Consciência geracional*

Na sociedade em que vivemos, gostamos de palavras bonitas. As palavras “nova” e “novo” emergem com vigor em vários textos e contextos. No fundo, parece existir a “falta” que o psicanalista Lacan aborda na sua teoria. Porque existe a “falta” existe um “desejo” gritante.

O conhecimento sobre os aspectos psicológicos, muitas vezes na VR, passa a ser buscado como um meio de aquisição de poder de análise do outro e com limitada escuta compreensiva da narrativa e “alteridade” de um outro diferente de mim, nascido em um contexto histórico-cultural diverso, atravessado por outras questões vivenciais. A consciência geracional é um tema que apresenta uma complexidade, mas pretendo abordar aqui alguns aspectos reflexivos com relação à visão de alguns especialistas sobre o assunto.

2.1. Gerações e relações

Somos “eternos aprendizes” e a experiência de encontro com a outra pessoa possibilita a transformação do pensar, agir e ser. Segundo vários estudiosos do desenvolvimento humano, o “eu” constitui-se a presença de uma outra pessoa, através da interação social estabelecida. Recordo aqui a brilhante contribuição de Fowler (1992), referindo-se às pessoas espiritualizadas e de uma fé universalizante, portadoras de uma visão ampla e comprometidas com o bem viver de todas as pessoas. Essas pessoas de gerações diferentes desafiam-nos para o essencial na vida. Assim, Teresa de Calcutá diz que “não devemos permitir que alguém saia da nossa presença sem sentir-se melhor e mais feliz”. Numa conversa pessoal, em 2005, Dom Luciano Mendes de Almeida disse-me: “[...] Quando o outro estiver na sua presença, você não precisará dizer mais nada, pois ele se sentirá acolhido, amado e compreendido [...]”. Acredito que esses sábios de Deus apontam-nos o caminho para uma presença qualificada da VR no diálogo com as diferentes gerações, tendo como meta a sustentabilidade da vida humana no presente e no futuro.

O tema “gerações” tem sido fonte de pesquisas e é urgente no mundo atual uma revisão de práticas clínicas e pedagógicas na Vida Religiosa para que o diálogo geracional seja de construções saudáveis e potencializadoras de vida feliz.

A vinculação a uma geração específica precisa ser compreendida a partir de um contexto sócio-histórico-cultural. Dessa maneira, podemos destacar a contribuição do conferencista Eduardo Shinyashiki sobre o tema “geração”. Para ele, é comum que cada geração viva conforme os conceitos preestabelecidos pelo mundo que a cerca, bem como os fatores econômicos, sociais, culturais e evolutivos, somados aos paradigmas existentes em cada família, moldam a identidade das pessoas na sociedade.

Para Mannheim (1993), a definição de geração está vinculada a um acontecer social, e o pertencimento a uma geração está relacionado a uma modalidade do viver e do pensar.

No dicionário *Aurélio*, “geração” significa o ato de gerar. Assim, geração pode ser compreendida, para além de uma cronologia de idades, para o próprio sentido de gerar “vidas” e “ações”. Na minha visão, este sentido profundo do “gerar”, nas organizações e Instituições, pressupõe uma meta baseada em princípios criativos, potencializadores e dinamizadores do viver. Nos diversos textos publicados pela CRB Nacional, percebemos a rica contribuição para uma retomada da experiência fundante na Vida Religiosa no hoje da história. Tal releitura vem impulsionando estudos e pesquisas, os quais nos possibilitam avançar para outros paradigmas, com base no cultivo do amor-comunhão, expresso na linha do pertencimento, comprometimento e profecia.

Partindo da experiência fundante na pessoa de Jesus, somos desafiados e desafiadas a dar um passo a frente na tentativa de responder aos desafios atuais, nos vários espaços onde estamos inseridos e inseridas. Para tal, precisamos de uma consciência geracional histórica e vinculada às experiências vividas.

De acordo com os autores Leccardi e Feixa (2010), o conceito de consciência geracional apresenta dois aspectos: a historicidade e a vinculação com a experiência

à habilidade de situar-se num quadro histórico com base na consciência de que existe um passado e um futuro que se prolonga para além de sua própria experiência, que relacionam a própria vida com as gerações anteriores e com as gerações que virão. Embora as gerações por si mesmas ajudem a estruturar o tempo social – diferentes gerações personificam coletivamente o passado, o presente e o futuro – a consciência geracional possibilita que o vínculo seja elaborado subjetivamente. Localizar-se a si mesmo no fluxo das gerações não significa somente relacionar-se com o tempo social, mas também inscrever a própria existência, a própria história, numa história mais ampla, na qual ela se inclui (p. 192).

Neste texto, a reflexão parte do pressuposto da geração enquanto a composição de um grupo de pessoas contemporâneas que se relacionam entre si e assumem comportamentos segundo as metas e princípios ideológicos comuns. Tal elaboração conceitual aproxima-se do pensamento de Içami Tiba (2010, p. 240-241) ao se referir à conceituação de geração:

[...] não é a idade das pessoas que determina uma geração, mas as características de seu funcionamento psicológico e comportamental [...] características adquiridas após seu nascimento, mas também as que acabam determinando o seu modo de pensar, de ser e de se comportar. Torna-se claro, porém, que os nascimentos em datas próximas podem favorecer a formação de tribos comportamentais, conforme o que aprendem das condições ambientais ao seu redor.

Para Palácios (2007), a coexistência de gerações tão diversas no mesmo tempo e espaço pode ser uma fonte de tensões, mas também uma riqueza fecunda. Para esse autor, a experiência cristã é uma “harmonia de contrários”, e precisamos abrir-nos à riqueza que vem da diversidade, numa verdadeira *des-instalação* provocada pela presença do outro

com sua diversidade. A “harmonia de contrários” é apresentada como harmonia na diversidade e não como uma redução da homogeneidade.

Para tanto, precisamos cultivar um relacionamento dialógico, sem distinção de gerações, na busca de resgatar na Vida Religiosa a “verdadeira memória viva do Evangelho da qual ela sempre quis viver” (Palácios, 2007, p. 33).

2.2. Gerações e as Instituições

Voltando às discussões atuais sobre o tema das gerações, vinculadas a um ambiente corporativo, é importante compreender as diferentes gerações na sua bagagem vivencial e de conhecimentos adquiridos. Para o desenvolvimento e crescimento institucional, uma das metas pode ser o diálogo ético entre as pessoas de diferentes idades e “gerações”.

Penso que para compreender as gerações na Vida Religiosa precisamos também conhecer a discussão atual sobre as gerações e compreender o processo de constituição das mesmas. Assim, apresento a seguir a contribuição de alguns especialistas contemporâneos sobre a temática.

Na visão de Sidnei Oliveira, consultor e palestrante, *expert* em gerações e redes sociais, entender as novas gerações sempre foi um desafio para qualquer pessoa, e hoje temos mais gerações influenciando-se mutuamente. Para Doralício Siqueira, psicólogo organizacional e presidente do Encontro Sul-Americano sobre Recursos Humanos 2010 (ESARH 2010), as empresas precisam trabalhar com o foco naquilo que é positivo e que agrega, bem como compreender a riqueza da diversidade. De acordo com Eduardo Shinyashiki, palestrante e consultor, uma organização multigeracional precisa conhecer os conceitos existentes em cada geração.

Algumas características das diferentes gerações, segundo o pensamento desses especialistas:

- *Geração dos Tradicionais ou Belle Époque*. Nascidos entre 1920 e 1940. Prevelem os valores de compaixão, solidariedade diante das guerras, das catástrofes e da imigração em busca de trabalho. A grande motivação

é reconstruir a sociedade. Dedicção e trabalho árduo, fidelidade no trabalho e no matrimônio – “até que a morte os separe”. Respeito às autoridades e regras, paciência, dever sempre viria antes do prazer, pois nada se alcança sem muito sacrifício. Pessoas tomam decisões quando pressionadas.

- *Geração Baby Boomer*. Nascidos entre 1946 e 1964. Respeito aos valores familiares; compromisso com a disciplina rígida, ordem e obediência para recebimento de recompensas; as pessoas buscam reorganizar ou reestruturar suas organizações; tendência na priorização do trabalho e acreditam num mundo competitivo e competido; foco no curto prazo; experientes em atuação corporativa; cresceram diante da televisão e vivenciaram a opressão da Segunda Guerra Mundial.
- *Geração X*. Nascidos entre 1960 e 1983, época em que surgem os movimentos de contestação de qualquer coisa que tivesse o caráter de convencional ou padronizado, até mesmo a estrutura familiar. Pessoas autocentradas, empreendedoras, extremamente independentes; gostam de trabalhar em equipe, altamente pragmáticas e orientadas às ações; possuem a meta dirigida a novos desafios; buscam a igualdade de direitos e justiça nas decisões, bem como o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional. Liderança por competência. Esta é a primeira geração que verdadeiramente domina os computadores – era da informação.
- *Geração Y*. Nascidos entre 1982 e 1999. Pessoas que nasceram em famílias estruturadas em um modelo mais flexível; possuem grande intimidade com a língua inglesa; extremamente informados, mas também alienados, pois não conseguem ou não sabem lidar com as informações de forma produtiva; uma geração conectada, utilizando-se da tecnologia para os relacionamentos; com maior habilidade em absorver informações e são mais atualizados; ousados, acostumados à realização de multitarefas, ambiciosos, despojados; informais, criativos; desejam reconhecimento, pois desde cedo aprenderam a receber

feedback de tudo o que fazem; motivados por desafios, desejam experimentar e participar de coisas novas, com tendência a um entendimento global e com foco em resultados; os questionamentos são maneiras de conexão e integração, na busca de respostas claras e diretas; precisam sentir-se “fazendo parte” do time; liderança por coletividade e inclusão. No entanto, essa nova safra de pessoas encontra as organizações em processo de reestruturação e buscando formas de melhor usufruir dessa nova gama de potencialidades.

De acordo com Içami Tiba (2010), algumas gerações são agrupadas mais pelo comportamento semelhante do que pelo ano em que nasceram. Ele também refere às outras denominações das gerações:

- Geração *Z*. Teve a TV como babá eletrônica, desenvolvendo uma passividade diante da vida e sendo atropelada pela tecnologia, internet, iPods, jogos eletrônicos – é esta geração que forma a chamada Geração *Y*.
- Geração *Tween*. *Twenn* é um nome que vem do termo inglês *between*, que significa no “meio de”: cortando-se o “be” fica o “tween”, que significa estar entre a fase infantil e a fase púbere, é uma geração criada pelo marketing para definir um mercado consumidor de crianças de 7 a 12 anos de idade, altamente consumidora de artigos de/para adolescentes, rápidos no raciocínio e precoces nos costumes, desejam comprar tudo o que surge e do modelo mais completo.
- Geração *Carona* ou *Canguru*. Formada por jovens que já estão formados, profissionalmente prontos para o trabalho, mas que vivem como adolescentes em casa.

Uma geração emergente, nos últimos anos, na visão de Içami Tiba, é a chamada Geração *M* – multiatarefados, multiconectados, multiestimulados, multi-informados, “tudo ao mesmo tempo” –, formada por jovens na faixa dos vinte anos ou menos. Esses jovens

desdobram o *browser* em diversas abas ou janelas, conversam com várias pessoas on-line através de um *instant Messenger*, ouvem músicas num MP3 player ou veem televisão, tentam estudar ou trabalhar... Tudo isso ao mesmo tempo, além do celular, que fica por perto, à espera de qualquer ligação, e que também pode ser usado para acessar a internet e a TV. Esses jovens multiplicam sua atenção para acompanhar, ou tentar acompanhar, a intensa velocidade do mundo moderno [...] É compreensível que as gerações mais velhas encarem com certo receio e estranheza tão radical mudança de comportamento. Mas o que no começo é visto como “coisa de adolescente” acabará fazendo parte do cotidiano de qualquer pessoa (Tiba, 2010, p. 260).

Realizando uma pesquisa em diversos sites, deparei com a discussão inicial sobre a chamada Geração *Alfa*, relacionada aos nascidos a partir do ano 2010. Segundo alguns estudiosos do assunto, tal geração nasce com uma visão de mundo diferenciada das demais gerações e em um mundo conectado em rede, podendo ser caracterizada pelo grande acesso ao conhecimento humano.

A classificação das gerações citadas e constituídas em uma época de nascimento parece não ser integradora e real, pois existem pessoas que possuem um estilo geracional diferenciado da época em que nasceram. Este perfil geracional vai sendo formado diante das mudanças de época e de uma época em mudanças. Portanto, creio que algumas características das diferentes gerações estão relacionadas pelo pensamento da época em que nasceram, bem como pela maneira como elas constroem e lidam com o conhecimento no contexto da atualidade.

As diferentes gerações na Vida Religiosa são constituídas por pessoas de idades cronológicas diferentes, as quais carregam em sua identidade as influências de um contexto sócio-histórico-cultural-religioso de uma época e uma história de vida com características próprias. A formação do “eu” de cada pessoa tem um processo de desenvolvimento no qual a capacidade de pensar e a aquisição de conhecimentos acontece de maneira diferenciada. É urgente uma revisão de nossos

posicionamentos diante das diferentes gerações, pois convivemos juntos no mesmo tempo e espaço. Essa convivência é atravessada por esquemas mentais formados e influenciados por uma determinada época. Portanto, precisamos avançar no reconhecimento de que a chave do desenvolvimento institucional está no relacionamento entre as pessoas, bem como pela conscientização de que as pessoas são influenciadas pelo pensamento da época em que nasceram e na qual vivem.

Precisamos integrar, neste processo relacional das diferentes gerações, a dimensão da tradição como memória viva de valores e a dimensão da utopia como alavanca para a concretização do inovar – transformar e empreender ações na atualidade. É urgente avançar na busca de uma integração do passado como fonte de conteúdos valorativos, o presente como desafio a ser enfrentado com fidelidade criativa ao Evangelho e o futuro como continuidade viva do ser e fazer no presente. Esse entrelaçamento desafia-nos para a qualificação de nossa presença e relações com as diversas gerações, em vista da sustentabilidade humana no planeta.

A partir dessas reflexões, pensei que precisamos de uma Geração *Humanizada e Humanizadora* na Vida Religiosa, composta por pessoas com capacidade de conexão de passado-presente-futuro, bem como de conexão relacional com as diferentes gerações na sociedade concreta em que vivemos. Creio que algumas características iniciais podem ser consideradas na Geração: herdeira e portadora de valores da tradição – memória viva do passado; consciente do “eu” pessoal e “institucional”; desenvolvendo a capacidade de conviver com os conflitos e dialogar com as diferenças; resiliente; enraizada no aprender com a pessoa de Jesus a dinâmica proposta pelos pilares da educação, apresentados pela Unesco em 1996: *aprender a conhecer, fazer, conviver e ser*; capaz de uma experiência relacional e de fé no encontro com as outras pessoas; crítica, reflexiva e interativa diante dos avanços tecnológicos e os meios de comunicação social; corajosa para romper estruturas rígidas e esquemas mentais ultrapassados; disposta para avançar como “mediadora” de um tempo histórico, marcado pelas mudanças cognitivas,

tecnológicas, ambientais, enfim, mudanças várias de uma época para a construção de um tempo histórico mais humanizado para as gerações do presente e do futuro; em busca do sentido da vida; capaz de sonhar, amar e transcender diante das situações do cotidiano; em busca da integração teoria e prática nos diversos ciclos da vida humana; comprometida com os princípios éticos e humanizadores para o empreendimento de ações que sejam inovadoras e transformadoras na construção de uma rede saudável de relacionamentos.

3. Dimensão relacional e da fé na busca da interatividade entre as gerações

Na sociedade em que vivemos, marcada pela velocidade, mudanças, consumo, avanços tecnológicos, inovações, inserida na “era da conectividade”, percebemos que o nosso modo de pensar-sentir-agir precisa de uma solidez, pois nossas relações muitas vezes estão fragilizadas e nossos sentimentos tem-se tornado “líquidos” demais. O sociólogo Baumann (2003) discute a questão de uma sociedade líquida, ressaltando a fragmentação dos laços afetivos nas relações entre as pessoas.

3.1 A dimensão relacional e da fé

Dessa maneira, a dimensão da fé ultrapassa a adesão simples a uma religião ou Instituição, mas está na semente das relações de mutualidade desde os primeiros anos de vida. A fé humana é base da nossa fé religiosa. Para Fowler (1992, p. 15), a fé é

o modo como uma pessoa ou um grupo penetra na força da vida. É o nosso modo de achar coerência nas múltiplas forças e relações que constituem a nossa vida e de dar sentido a elas. A fé é o modo como a pessoa vê a si mesma em relação aos outros, sobre um pano de fundo de significados e propósitos partilhados.

De acordo com Fowler (1992) a fé é relacional, pois sempre existe um outro na fé. Esse pensamento pode ser

ampliado com a proposta teórica de Stern (1992) sobre os vários sentidos do *self*, os quais são constituídos e desenvolvem-se ao longo do processo de desenvolvimento no ciclo da vida humana.

Stern aponta em seu livro *O momento presente na psicoterapia e na vida* (2007) a importância das experiências vividas que provocam mudanças no processo de psicoterapia e nos relacionamentos pessoais da vida cotidiana. Nessa visão, Stern diz que “compreender, explicar ou narrar algo verbalmente, por si só, não é suficiente para provocar alterações” (p. 13). Na visão de Stern, para a compreensão psicodinâmica é necessário um relato verbal da experiência, uma busca por significado e um olhar profundo sobre a experiência do outro. Para o desenvolvimento das sessões, “é preciso haver um processo de reconhecimento da experiência do paciente com mais profundidade, de sentir sua experiência e compartilhá-la com ele para que haja um enriquecimento de quem ele é, de como é ser como ele e de como é estar-com-ele” (p. 254). Assim, Stern considera que as experiências vividas provocam mudanças no processo de psicoterapia e nos relacionamentos pessoais da vida cotidiana.

Na perspectiva desenvolvimentista de Stern (1981), a constituição do *self* ou do “eu” da criança emerge nas relações de mutualidade e na predisposição para formar vínculos e crescer em direção a relacionamentos saudáveis. Na tentativa de uma aproximação desses conceitos com os estudos da psicologia científica da religião, podemos perceber que o desenvolvimento de um “eu” religioso está entrelaçado com o desenvolvimento do “eu” ao longo do ciclo da vida. Assim, Valle (2007, p. 132) aponta que a religiosidade, na sua essência, é relacional:

A religiosidade comporta sempre um encontro com o outro (o Outro), seja qual for o entendimento que dele tenha a pessoa ou o grupo religioso no qual ela é socializada. A maneira como este encontro é vivenciado inscreve-se no itinerário de vida e auto-percepção de cada um. Fundamenta-se nas primeiras relações da criança com as pessoas que a circundam, satisfazendo ou não

suas necessidades, que começam pelo biológico e evoluem em direção a formas elaboradas, exclusivas de seres humanos psicologicamente amadurecidos. Ademais, ela deve ser vista como uma resposta aprendida na convivência socializada, por meio de múltiplas mediações (costumes, valores, normas, crenças, papéis, organizações, rituais, mitos, símbolos e – como mediação de fundo – pessoas) interiorizadas em forma individual, mas sempre no contexto de relações sociais concretas.

Na travessia para uma relação dialógica entre diferentes gerações, creio que o nosso olhar sedento de humanização pode fixar-se na postura do Mestre da Vida. O pastor conhece a ovelha, entra na sua história de vida, cura as feridas, provoca o seguimento, transforma a vida e celebra a alegria do encontro. “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

4. Interatividade entre as gerações e como avançar em rede

O trabalho em rede significa unir forças e trocar ideias para a elaboração e execução de um projeto que contemple as relações entre as diferentes gerações de maneira humanizada e humanizadora.

Para realizar a travessia entre as diferentes relações e gerações, no mundo contemporâneo, acredito que o ponto básico é a abertura para fora de nossos “umbigos” institucionais. Como? A resposta precisa ser construída e não é algo pronto e acabado. Precisamos criar espaços de reflexão e interação sobre esta temática com vários grupos.

Para Fritjof Capra (2006), teia da vida é interdependência, e o novo paradigma nesta dinâmica é um mundo integrado, em conexão. Creio que nós, religiosos e religiosas, precisamos avançar na conexão intra e extrainstituição, abraçando juntos e juntas a meta de uma consagração geradora de vida, tendo como base uma *espiritualidade integradora*. Não podemos omitir-nos diante de tantas oportunidades e possibilidades de crescimento humano e institucional em uma rede

de relações. Assim, transcrevo: “Reconectar-se com a teia da vida significa construir, nutrir, educar comunidades sustentáveis, nas quais podemos satisfazer nossas aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras” (Capra, 2006, p. 231).

Dessa maneira, podemos pensar em alguns princípios para um processo de desenvolvimento relacional e de fé das pessoas que constituem as gerações da VR no mundo atual. Tais princípios são apresentados a seguir:

- *Espiritualidade integradora*, emergente da pessoa de Jesus, como uma fonte de conexão que alimenta e sustenta a ligação entre o ser e o agir, em um processo dinâmico de transformações durante o ciclo da vida humana. De acordo com Teixeira (2011), a espiritualidade é uma matriz essencial de inspiração do novo, de acolhida do diferente e de despojada abertura ao outro, bem como é uma fonte de paz que brota de dentro e irradia com vigor na história. O autor retoma, no seu artigo publicado na revista *Convergência*, uma citação de Leonardo Boff, apresentando que a espiritualidade “irrompe de dentro, irradia em todas as direções, qualifica as relações e toca o coração íntimo das pessoas de boa vontade”. Essa fonte de paz “alimenta o amor, o cuidado, a vontade de acolher e de ser acolhido, de compreender e de ser compreendido, de perdoar e de ser perdoado”.
- *Autoconhecimento* como eixo central das relações e encontros inter-humanos.
- *Aprendizado* em equipe para que aconteça a mudança, inovação, transformação, comprometimento e empreendedorismo.
- *Respeito à diversidade do outro*, aprofundando no conhecimento da cultura geracional e das experiências vivenciadas pelas outras pessoas.
- *Pensamento sistêmico* ou o pensamento humano na busca de compreensão da complexidade da realidade atual e a integração do passado–presente–futuro.
- *Resiliência* como força propulsora da transformação das adversidades em oportunidades, rompendo pensamentos

cristalizados e doentios, revitalizando, assim, as relações humanas dentro e fora da Instituição.

- *Diálogo e a colaboração criativa*, numa visão compartilhada, desenvolvendo a capacidade reflexiva, interativa, ética e solidária.
- *Ações comprometidas com a sustentabilidade do ser humano*, pautadas na humanização das relações e na construção de espaços éticos que favoreçam o desenvolvimento saudável das pessoas.

Considerações finais

A “leveza” no enfrentamento das diversas realidades e conflitos (pessoais, sociais, religiosos, culturais, políticos, econômicos, ambientais, históricos etc.) pode ser reconhecida como fruto do processo de desenvolvimento da fé e das relações estabelecidas entre as gerações. A “leveza institucional” é uma temática que provoca reflexões para uma mudança transformacional a partir do levantamento da realidade da Instituição, do carisma fundacional, dos objetivos e metas em prol de respostas novas aos desafios do mundo contemporâneo.

Precisamos avançar na construção de uma rede de relações, ancorados e ancoradas na pessoa de Jesus – humano e divino, atento às necessidades reais das pessoas, comprometido com atitudes geradoras de vida, com base em uma espiritualidade integradora, sustentada pelo tripé da “fé”, da “esperança” e do “amor-caridade-comunhão”.

Cabe a nós o desenvolvimento da capacidade de amar e a ousadia para AVANÇAR com os olhos fixos no que dá sentido ao viver e promove a concretização do “aprender a conhecer, fazer, conviver e ser” na realidade atual em que vivemos.

Avançemos sempre! O sucesso ou o alcance dos objetivos abraçados depende de nós.

Referências

- ANJOS, M. F. (org.). *Novas gerações e vida religiosa*. Aparecida: Santuário, 2004.
- BAUMANN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição pastoral. 43. impr. São Paulo: Paulus, 2001.
- CAPRA, F. *A teia da vida; uma nova compreensão dos seres vivos*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- DORSCH, F; HACKER, H; STAPF, K. *Dicionário de psicologia Dorsch*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FOWLER, J. W. *Estágios da fé; psicologia do desenvolvimento humano e busca de sentido*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.
- FEIXA, C; LECARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 25, n. 2, maio/ago. 2010.
- LANE, S. T. M. *O que é psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62, p. 193-242, abr./jun. 1993.
- MOTA, R. N. *Juventudes; o exercício da aproximação*. 2. ed. Brasília: Conferência dos Religiosos do Brasil, 2011.
- MOSCOVICI, S. On social representation. In: FORGAS, J. P. (ed.). *Social Cognition*. London: Academic Press, 1981.
- OLIVEIRA, S. *Geração Y; o nascimento de uma nova versão de líderes*. São Paulo: Integrare Editora, 2010.
- PALÁCIOS, C. Vida religiosa consagrada: memória e perspectivas. In: ANJOS, M. F. (org.). *Vida religiosa e novas gerações; memória, poder e utopia*. Aparecida: Santuário, 2007.
- STERN, D. N. *O momento presente na psicoterapia e na vida*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- _____. *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- TEIXEIRA, F. Espiritualidade e inter-religiosidade. *Convergência*, Brasília: Conferência dos Religiosos do Brasil, ano 46, n. 443, p. 373-384, jul./ago. 2011.
- TIBA, I. *Adolescentes; quem ama educa*. 39. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2010.
- VALLE, E. Psicologia da Religião. In: USARSKI, F. (org.). *O espectro interdisciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.

Páginas da internet

<<http://www.edushin.com.br/noticias/as-diferentes-geracoes-890.html>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

<<http://www.administradores.com.br/informe-se/informativo/conheca-as-caracteristicas-das-quatro-geracoes-que-convivem-no-trabalho/32529>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

<<http://oglobo.globo.com/pais/noblat/posts/2010/06/07/a-espiritualidade-na-construcao-da-paz-296837.asp>>. Acesso em: 14 dez. 2010.

Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade

1. Qual é o nosso sonho-objetivo do viver?
2. Qual travessia desejamos realizar?
3. Como podemos integrar os valores da tradição – memória viva –, comprometendo-nos com a mudança, inovação, transformação e empreendedorismo, com base na relação estabelecida entre as diferentes gerações?